ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE: O CLÁSSICO RESSURGE

PREVIEW

GRÁTIS! PÔSTER OFICIAL

OS ÚLTIMOS JEDI

O novo episódio, as teorias e a comemoração dos 40 anos da saga STAR WARS

\+

* JUDI DENCH
* SHIA LABEOUF
* NÃO DEVORE MEU CORAÇÃO

KENNETH BRANAGH

PENELOPE CRUZ

WILLEM DAFOE

JUDI DENCH

JOHNNY DEPP

ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE

TODOS SÃO SUSPEITOS

30 NOVEMBRO NOS CINEMAS

DEREK JACOBI

LESLIE ODOM, JR

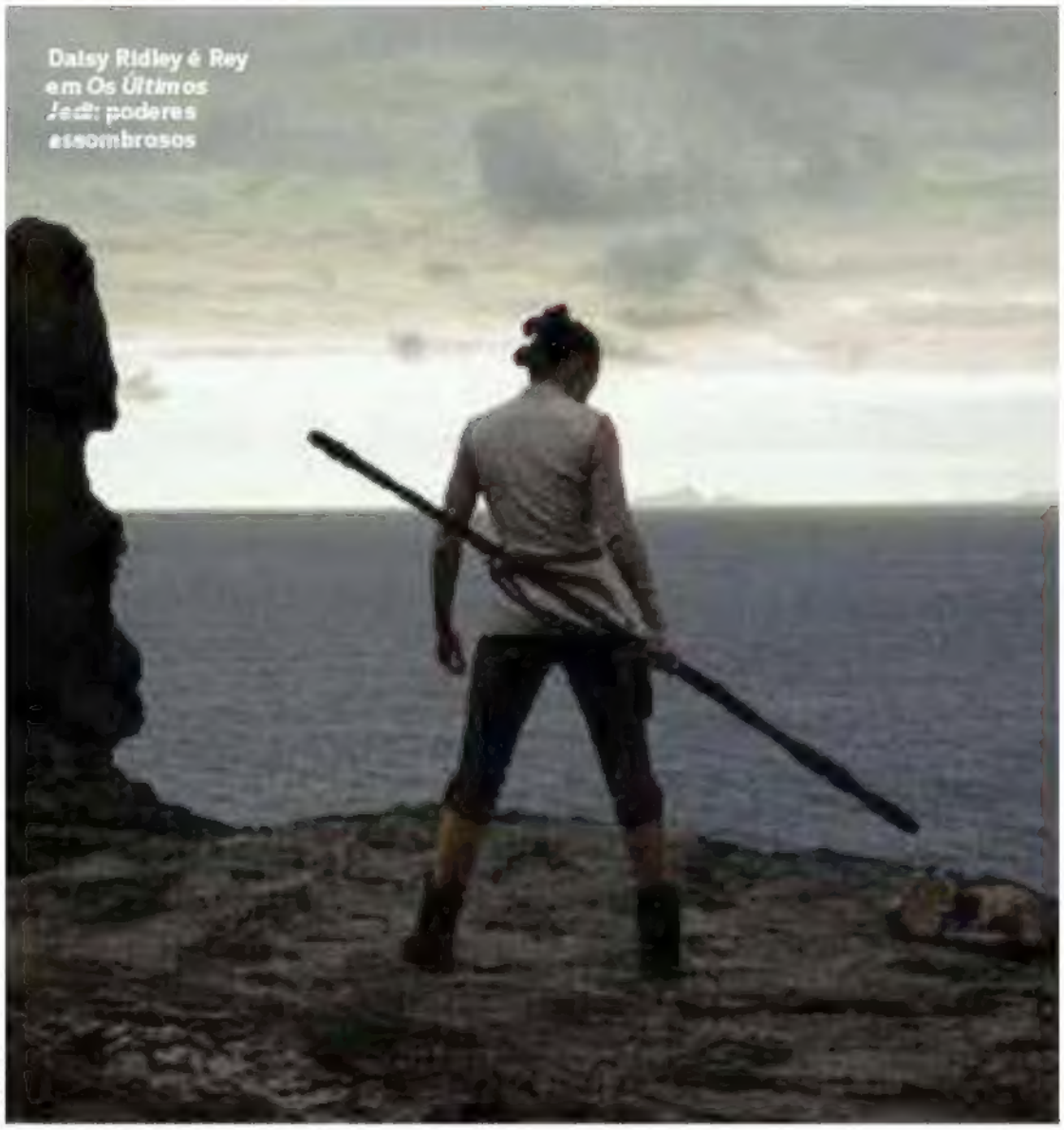
MICHELLE PFEIFFER

DAISY RIDLEY

LUCY BOYNTON

SERGEI POLUNIN

NESTA EDIÇÃO



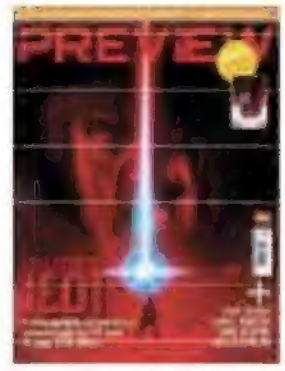
Daisy Ridley é Rey em *Os Últimos Jedi*: poderes assombrosos

DISNEY

DO LADO CLARO DA FORÇA

Uma das estreias mais aguardadas do ano, pelo menos para um enorme grupo de fãs fiéis, *Star Wars: Os Últimos Jedi* continua cercada de mistério. Mesmo com pouquíssima informação, nosso expert na saga, André Gordirro, não só analisa as tendências a partir de trailers e do raro material divulgado como volta ao passado para lembrar que neste ano o *Star Wars* original completa quatro décadas! Vocês repararam no elenco de *Assassinato no Expresso do Oriente*? Kenneth Branagh, Johnny Depp, Michelle Pfeiffer, Judi Dench... Nosso aficionado por Agatha Christie, Roberto Pujol, conta tudo sobre a nova adaptação do clássico da literatura policial. E por falar em Judi Dench, a dama não para quieta e está nas telas também em *Victoria e Abdul – O Confidente da Rainha*, que revela um episódio mantido em segredo da vida da monarca britânica. Entre as estreias nacionais, destacamos *Gosto se Discute*, comédia levinha com Cassio Gabus Mendes e Kéfera Buchmann, para ver antes do jantar – porque abre o apetite. Ainda tem um papo com Cauã Reymond, que fala sobre *Não Devore Meu Coração* e seus novos projetos. Quer mais? Um perfil do Shia LaBeouf, uma seção Estreias lotada, e a Telinha com uma seleção show de filmes e séries para ver nas mais diversas plataformas. Aproveitem!

SUZANA UCHÔA ITIBERÊ
suzana@previewbr.com



***Star Wars: Os Últimos Jedi* (Disney)**

TELONA

FOX

6 **ESTREIAS**
Os lançamentos nos cinemas
12 **MIX BRASIL**
14 **GOSTO SE DISCUTE**
16 **NÃO DEVORE MEU CORAÇÃO**
18 **PERFIL: SHIA LABEOUF**
20 **STARWARS:OSÚLTIMOSJEDI**
28 **ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE**
36 **ENTREVISTA: JUDI DENCH**

TELINHA

NETFLIX

40 **STRANGER THINGS**
42 **THE MARVELOUS MRS. MAISEL, GODLESS, MINDHUNTER, O JUSTICEIRO, THE SINNER**
44 **DVD, BLU-RAY, VOD**
As novidades de Home Video e Streaming
49 **LIVROS**

uci 20 anos

COMEMORE COM A GENTE!

uci DAY
13 NOV

TODAS AS SESSÕES POR APENAS

R$ 5,00 MEIA R$ 10,00 INTEIRA

Incluindo sessões 3D, salas UCI XPLUS, IMAX e UCI DE LUX.

PROMOÇÃO A SALA É SUA

Concorra a uma incrível sessão exclusiva para 20 convidados.
Acesse o site ucicinemas.com.br/20ANOS e participe!

uci Kinoplex · uci Orient · uci XPLUS · IMAX · uci DE LUX · 4DX · uci SUPERSEAT

Preços válidos apenas para 13/11/17. Sala 4DX: R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia). Promoção autorizada CAIXA 3-2583/2017.

CINEMA VERDADE

HUMAN FLOW – NÃO EXISTE LAR SE NÃO HÁ PARA ONDE IR

HUMAN FLOW, ALEMANHA, 2017. DE AI WEIWEI. 140 MIN. PARIS. DOCUMENTÁRIO.

Artista plástico, pintor, designer, cineasta, ativista social. O chinês Ai Weiwei é tudo isso e provavelmente muito mais. Autor do cartaz da recém-terminada Mostra SP e diretor deste que foi o filme de abertura, Weiwei esteve em São Paulo e não se contentou em apresentar seu documentário e dar entrevistas. Seu espírito engajado o levou até a Avenida Paulista, onde se uniu aos manifestantes em um ato contra a censura no Masp. Indicado ao Leão de Ouro em Veneza, *Human Flow* é uma jornada pela crise dos refugiados.

Ao longo de um ano e meio, o diretor percorreu 23 países, entres eles Quênia, França, Grécia, Iraque, Alemanha, Afeganistão, México, Turquia e Bangladesh. Com equipamento que inclui até drones, Weiwei examina o drama de milhares de pessoas obrigadas a abandonar seu país, por motivos que vão da guerra à miséria. O próprio Weiwei se

PARIS

Adeus ao lar: sem escolha

coloca diante das câmeras, embora sua abordagem dos refugiados seja meio desajeitada e superficial. O filme carece de um roteiro mais bem desenhado, um fio condutor ou até mesmo um personagem que emocione especialmente. Ainda assim, as imagens falam por si (sua porção artista plástico se destaca) e o desespero e a esperança que se alternam no rosto daquela multidão pegam fundo o espectador. *SUZANA UCHÔA ITIBERÊ* ★★★½

OLHANDO PARA AS ESTRELAS

BRASIL/EUA, 2016. DE ALEXANDRE PERALTA. COM GEYZA PEREIRA, THALIA MACEDO, FERNANDA C. BIANCHINI SAAD, CESAR ALBUQUERQUE. 90 MIN. ELO COMPANY. DOCUMENTÁRIO.

Há vinte anos, uma ONG ensina balé para jovens deficientes visuais. Na contracorrente da obviedade, *Olhando para as Estrelas* respeita seu objeto de estudo e o espectador ao adotar um tom mais contido. Duas garotas servem como fio condutor de uma narrativa que não foge das emoções, mas acerta na dose. Ao mostrar a rotina das dançarinas, faz uma mistura equilibrada de temas inerentes à deficiência visual e assuntos universais da juventude. O roteiro explora acontecimentos nas filmagens para criar boas guinadas na dramaturgia. É aí que reside o frescor do documentário, que poderia ser apenas mais um título motivacional. *EDU FERNANDES* ★★★

CORA CORALINA – TODAS AS VIDAS

BRASIL, 2017. DE RENATO BARBIERI. COM ZEZÉ MOTTA, WALDEREZ DE BARROS, TEREZA SEIBLITZ, CAMILA MÁRDILA. 74 MIN. FÊNIX. DOCUMENTÁRIO.

Com mistura de memórias, poemas e depoimentos, vemos Anna se transformar em Cora Coralina, escritora que escolheu não ser apenas mais uma na multidão. O documentário se destaca pelos momentos em que a trajetória da poetisa goiana é contada através de seus próprios textos, que revelam anseios e ambições que nutriu até sua morte, aos 95 anos, em 1985. A reconstituição ficcional é outro bom recurso usado pelo diretor Renato Barbieri, que ainda apresenta imagens preciosas da escritora. Embora fosse mãe de 6 filhos, pouco se fala de sua vida familiar. O foco principal é sua paixão pelas letras e a determinação em realizar seus desejos.

LARISSA MARUYAMA ★★★

UMA VERDADE MAIS INCONVENIENTE

AN INCONVENIENT SEQUEL: TRUTH TO POWER, EUA, 2017. DE BONNI COHEN E JON SHENK. COM AL GORE. 98 MIN. PARAMOUNT. DOCUMENTÁRIO.

Mais de dez anos atrás, Al Gore fazia um alerta: a mudança climática era um fato. Algumas pessoas deram bola para *Uma Verdade Inconveniente*, que ganhou Oscar e ajudou Gore a levar o Prêmio Nobel da Paz. Muita gente continua achando bobagem. Ele volta com *Uma Verdade Mais Inconveniente*, que tem estrutura mais dinâmica do que o filme anterior, dirigido por Davis Guggenheim. Mostra suas palestras, mas também visitas a lugares onde a mudança climática pode ser vista a olho nu, como Groenlândia e Miami, além dos bastidores do Acordo de Paris, assinado em 2015. É para ficar assustado – e agir. *M.M.* ★★★

Nada menos que nove documentários estreiam nos cinemas em novembro, produções nacionais e internacionais que exploram tanto temas leves, como a Yoga, quanto o drama dos refugiados

No último minuto, confirmaram a estreia de *LYGIA, UMA ESCRITORA BRASILEIRA*, que ilumina a carreira e a vida de Lygia Fagundes Telles, hoje com 94 anos. Autora de livros de contos e romances como *Ciranda de Pedra* e *As Meninas*, é a primeira escritora brasileira a concorrer ao Nobel de Literatura.

NO INTENSO AGORA

BRASIL, 2017. DE JOÃO MOREIRA SALLES. 127 MIN. VIDEOFILMES. DOCUMENTÁRIO.

Em *Santiago* (2007), João Moreira Salles remexia os arquivos da família e os seus próprios, com imagens que tinha feito anos antes para um filme fracassado sobre o mordomo da família. Criou um documentário sobre seu pai, sobre suas próprias limitações e sobre divisão de classes. Uma década mais tarde, ele volta com *No Intenso Agora*, que discute utopia, paixão e o arrefecimento dela, a partir de imagens que encontrou por acaso de uma viagem de sua mãe à China, na época da Revolução Cultural, na década de 1960.

Novamente, ele usa o pessoal – o encantamento com a vida que ela demonstrava naquela jornada, por aquele mundo tão diferente do seu, que se perdeu com a passagem dos anos. Mas mistura com questões mais globais, utilizando imagens de arquivos de outros momentos intensos do mesmo período, como o Maio de 1968 em Paris, a Primavera de Praga e a luta contra a ditadura no Brasil. No filme-ensaio, ele debate o que acontece quando a paixão termina, mas também o significado das imagens, o que lemos nelas, seus mistérios, com observações tocantes e poderosas. *MARIANE MORISAWA* ★★★★

Maio de 68: estudantes nas ruas

ON YOGA: ARQUITETURA DA PAZ

ON YOGA: THE ARCHITECTURE OF PEACE, BRASIL/ÍNDIA/EUA/CHINA, 2017. DE HEITOR DHALIA. COM MICHAEL O'NEILL. 87 MIN. PAGU. DOCUMENTÁRIO.

Diretor de filmes fortes e provocantes como *Cheiro do Ralo*, *À Deriva* e *Serra Pelada*, Heitor Dhalia vai ao extremo oposto em seu primeiro documentário. A impressão que fica é que ele próprio viveu uma transformação espiritual ao narrar a história dos dez anos que o renomado fotógrafo norte-americano Michael O'Neill passou registrando grandes mestres da yoga. Os dois viajaram juntos pela Índia e revisitaram lugares e pessoas clicadas por O'Neill para o livro em que o filme se baseia. A calma emoldura as imagens e dá o tom à trilha sonora e aos depoimentos filosóficos sobre a arte da meditação. É muito bonito, mas dá um soninho... *S.U.I.* ★★★

HENFIL

BRASIL, 2017. DE ANGELA ZOE. 75 MIN. O2 PLAY. DOCUMENTÁRIO.

Premiado como o melhor documentário do Festival do Rio 2017, *Henfil* tem uma proposta narrativa multimídia que lhe dá frescor, ritmo e propósito – o registro do making of de um curta de animação com personagens inesquecíveis como os Fradinhos, a Graúna, o cangaceiro Zeferino e o Cabôco Mamadô, realizado por jovens animadores. Eles são apresentados ao (multi) talentoso e combativo artista mineiro (1944-1988) por meio dos relatos de colegas como Jaguar, Ziraldo, Sérgio Cabral, Aroeira, e da família, como a irmã Glorinha e o filho Ivan Consenza, presidente do Instituto Henfil. Há também registros inéditos em Super 8, filmados pelo próprio artista. O curta de animação fecha o filme. Comovente e obrigatório. *FÁTIMA GIGLIOTTI*
★★★★

MARIA - NÃO ESQUEÇA QUE EU VENHO DOS TRÓPICOS

BRASIL, 2017. DE FRANCISCO C. MARTINS. COM MALU MADER, CELSO FRATESCHI, LÚCIA ROMANO. 80 MIN. PANDORA. DOCUMENTÁRIO.

O que artistas do porte de André Breton, Mondrian e Marcel Duchamp podem ter em comum com o Brasil? A surpreendente – e adorável – resposta: a artista, escultora e escritora Maria Martins (1894-1973), aristocrata mineira e embaixatriz. O documentário apresenta sua biografia e obras marcantes e ousadas, cuidadosamente filmadas, a partir de entrevistas e registros históricos. A narrativa é convencional, mas instigante, graças à personalidade libertária e às muitas realizações da artista, entre elas a participação ativa na criação da Bienal de São Paulo, o romance com Duchamp e livros publicados sobre a China e a Índia. *F. G.* ★★★★

MEDO VIRAL

BEDEVILED, EUA, 2017. DE ABEL E BURLEE VANG. COM SAXON SHARBINO, BONNIE MORGAN, BRANDON SOO HOO. 98 MIN. FÊNIX. TERROR.

Um palhaço macabro e sobrenatural que se alimenta do medo humano e toma a forma da figura que amedronta suas vítimas. Pensou em *It: A Coisa*? Pois é. Só que em vez de Pennywise, o ser do mal aqui se chama Bedeviled. Os irmãos, diretores e roteiristas Abel e Burlee Vang não dão crédito a Stephen King, que podia entrar com um processo por plágio fácil, fácil. A novidade em *Medo Viral* é que o vilão não vive no esgoto, mas no universo virtual, e se comunica com as vítimas via app no celular. A trama faz um alerta contra o abuso da tecnologia e até dá alguns sustos, só que copiar e não assumir é feio! *S.U.I.* ★★

HISTORIETAS ASSOMBRADAS – O FILME

BRASIL, 2017. DE VICTOR-HUGO BORGES. COM AS VOZES ORIGINAIS DE CHARLES EMMA NUEL, NÁDIA CARVALHO, GARCIA JÚNIOR, GUILHERME BRIGGS, MIRIAM FISCHER. 90 MIN. VITRINE. ANIMAÇÃO.

Historietas Assombradas nasceu como curta-metragem nacional e virou uma série animada no Cartoon Network. Depois de duas temporadas de sucesso, a equipe decidiu levar o projeto para o cinema e, como grande parte das animações que passa por este processo, o longa é como um episódio estendido da série. Nele, o jovem Pepe descobre que foi adotado por sua avó - uma velha bruxa que trabalha com a venda de poções mágicas – e parte em busca dos pais. É perfeita para a criançada fã do canal Cartoon Network e sua estética de animação, mas infantil demais para os pais curtirem junto. *RENATA PRIMAVERA* ★★½

PATTI CAKE$

EUA, 2017. DE GEREMY JASPER. COM DANIELLE MACDONALD, CATHY MORIARTY, BRIDGET EVERETT, SIDDHARTH DHANANJAY, MAMOUDOU ATHIE. 109 MIN. FT FEATURES. DRAMA/MUSICAL.

Em seu primeiro longa-metragem, Geremy Jasper narra a história de Patti, uma garota que canta suas rimas para conseguir pagar os gastos médicos da avó e sustentar a mãe alcoólatra. Ela e seu melhor amigo sonham com fama e fortuna, mas falta encontrar um produtor para alavancar suas carreiras. Até que conhecem um músico de goth metal que pode levá-los ao estrelato. Esse conto de fadas moderno, embalado pelo hip hop, diverte o espectador com personagens carismáticos, anima com sua trilha sonora e apresenta uma estética de videoclipe para falar de sonhos, bullying e empoderamento feminino. *VITOR BÚRIGO* ★★★½

INVISÍVEL

INVISIBLE, ARGENTINA/FRANÇA, 2017. DE PABLO GIORGELLI. COM MORA ARENILLAS, DIEGO CREMONESI, PAULA FERNANDEZ MBARAK. 87 MIN. DRAMA. VITRINE.

Ely é uma jovem com uma vida banal, que divide seu tempo entre a escola, o trabalho em um pet shop e a mãe depressiva. Ela terá de lidar com uma gravidez indesejada, um conflito que *Invisível* demora 15 minutos para anunciar. Por se debruçar sobre personagens nada extraordinários, o longa evita qualquer afetação estética. Da mesma forma como Ely é um ser invisível, o afeto entre os personagens inexiste. A amiga que a ampara é o ser mais carinhoso em cena. Do resto, muita frieza, inclusive na relação que gera a gravidez. *Invisível* aposta em uma receita de difícil digestão, mas que faz sentido. *E.FE* ★★★

VITRINE

Astro na Argentina, anônimo em Nova York

NINGUÉM ESTÁ OLHANDO

NA DE NOS MIRA, ARGENTINA/BRASIL/COLÔMBIA/ESPANHA/EUA, 2017. DE JULIA SOLOMONOFF. COM GUILLERMO PFENING, ELENA ROGER, RAFAEL FERRO. 102 MIN. VITRINE. DRAMA.

Ninguém Está Olhando foi o grande vencedor do Cine Ceará 2017, nas categorias melhor filme, montagem e ator. Nico (Guillermo Pfening, de *A Viagem de Lucia*) é um astro na Argentina, por causa de uma telenovela. Há um ano, porém, ele vive incógnito em Nova York à espera de um filme internacional cuja produção está empacada. Para se manter, trabalha como garçom e babá do filho de uma amiga (Elena Roger, de *O Médico Alemão*). Suas reais motivações, porém, se descortinam aos poucos em uma narrativa simples e bem amarrada, que equilibra as emoções sem apelar aos clichês dos filmes sobre imigrantes em busca de um lugar ao sol na terra do Tio Sam.

O conflito de Nico vai muito além das dificuldades de se dar bem na Big Apple – que já não são poucas. Não é uma vida nova que ele busca, mas sim se livrar de certas amarras emocionais que o impediam de seguir adiante em sua terra natal. O maior mérito dessa coprodução nacional é o roteiro, que abraça diversos temas atuais ao lapidar com esmero seu protagonista. Guillermo Pfening explora com rara delicadeza cada uma das camadas de Nico: o filho, o ator, o amante, o amigo. São vários homens em um só, alguns notáveis, outros de caráter questionável. Justamente por isso acompanhar sua jornada é tão fascinante. *S.U.I.* ★★★½

TERRA SELVAGEM

WIND RIVER, CANADÁ/EUA/REINO UNIDO, 2017. DE TAYLOR SHERIDAN. COM JEREMY RENNER, ELIZABETH OLSEN, GRAHAM GREENE. 107 MIN. CALIFÓRNIA. THRILLER POLICIAL.

Taylor Sheridan, ator (*Filhos da Anarquia*) e roteirista indicado ao Oscar pelo roteiro de *A Qualquer Custo*, foi premiado em seu segundo trabalho atrás das câmeras como melhor diretor da Mostra Um Certo Olhar em Cannes 2017. *Terra Selvagem* é um thriller policial tenso e envolvente, em que a bela e gélida paisagem do Estado do Wyoming é determinante para o desenrolar da história. Uma novata agente do FBI (Elizabeth Olsen) e o oficial responsável pela caça de animais selvagens (Jeremy Renner) investigam a violenta morte de uma jovem nativa americana. O clássico exercício de estilo do gênero empreendido por Sheridan equilibra suspense e drama, traz precisas atuações e comove ao basear-se em fatos reais e denunciar o abandono a que são condenados os casos de assassinato de mulheres nativas americanas no país das oportunidades. *F.G.*

★★★★

CALIFÓRNIA

Elizabeth e Renner: investigação

GOSTO SE DISCUTE

BRASIL, 2017. DE ANDRÉ PELLENZ. COM CASSIO GABUS MENDES, KÉFERA BUCHMANN, GABRIEL GODOY, PAULO MIKLOS. 80 MIN. IMAGEM. COMÉDIA.

Depois de dois sucessos estrondosos, *Minha Mãe é uma Peça* e *Detetives do Prédio Azul*, André Pellenz estreia seu terceiro longa, e desta vez aposta no humor sutil. Em sintonia com a atual febre gastronômica, conta a história de um famoso chef em decadência, desafiado pela novidade dos food trucks e pela mandona auditora do banco, que exige mudanças no restaurante. Kéfera Buchmann vive a antagonista, mas ainda é uma atriz hesitante. Já Cassio Gabus Mendes está ótimo num estilo Gary Grant e prova que deveria ser protagonista na telona há muito tempo. *S.U.I.*

★★★

HISTÓRIAS DE AMOR QUE NÃO PERTENCEM A ESTE MUNDO,

AMORI CHE NON SANNO STARE AL MONDO, ITÁLIA, 2017. DE FRANCESCA COMENCINI. COM LUCIA MASCINO, THOMAS TRABACCHI, VALENTINA BELLÈ. 92 MIN. MARES. COMÉDIA DRAMÁTICA.

Uma das atrações do Festival do Rio, a produção italiana começa com ares de *Meu Rei*, aquele em que Emmanuelle Bercot chega no fundo do poço por causa de Vincent Cassel. A protagonista, Cláudia, não se conforma por ter terminado com Flavio. Ela entra em uma espiral depressiva – um tanto patética -, enquanto flashbacks ilustram as fases desse amor. Muito mais bem-humorada que o filme francês, a trama dá uma guinada e surpreende ao mostrar os passos que cada um dá a partir do rompimento. É nesse seguir adiante (ou não) que a cineasta Francesca Comencini se permite ousar. *S.U.I.*

★★★½

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

BRASIL, 2017. DE PEDRO VASCONCELOS. COM JULIANA PAES, MARCELO FARIA, LEANDRO HASSUM, NÍVEA MARIA. 105 MIN. PARIS/DOWNTOWN. COMÉDIA DRAMÁTICA.

Juliana Paes chora fácil nessa versão um tantinho melodramática da clássica obra de Jorge Amado. Mas sua Dona Flor é cativante e vira uma deusa nos braços do fogoso Vadinho, que morre logo no começo. Marcelo Faria rouba todas as cenas como o marido jogador e mulherengo que volta do além peladão para saciar o desejo da amada, que tem zero prazer com o novo esposo, Teodoro – Leandro Hassum não se acerta com o humor contido, mas dá para levar. O diretor, Pedro Vasconcelos, estava à frente da novela *A Força do Querer*. Precisa abandonar os vícios da telinha para acertar como cineasta, mas está no caminho. *S.U.I.*

★★★

NÃO DEVORE MEU CORAÇÃO

BRASIL, 2017. DE FELIPE BRAGANÇA. COM CAUÃ REYMOND, EDUARDO MACEDO, ADELI BENITEZ. 106 MIN. FÊNIX. DRAMA.

A narrativa segue dois irmãos que moram perto da divisa entre Brasil e Paraguai. Fernando (Cauã Raymond) é homem feito, motoqueiro de uma gangue que nutre uma rixa sangrenta com guaranis. Joca (Eduardo Macedo) é um pré-adolescente apaixonado por uma índia (Adeli Benitez). Em um ambiente agressivo, as expressões amorosas seguem esse ritmo belicista, até nas amizades. Felipe Bragança (*A Alegria*) faz um bela orquestração de referências, flerta com o realismo fantástico e faz alusões aos quadrinhos. Demanda desprendimento do espectador, que deve estar disposto a um mergulho no desconhecido e no estranho. *E.FE.*

★★★★

QUANDO O GALO CANTAR PELA TERCEIRA VEZ RENEGARÁS TUA MÃE

BRASIL, 2017. DE AARON SALLES TORRES. COM FERNANDO ALVES PINTO, CATARINA ABDALLA, TIÃO D'ÁVILA, LUCAS MALVACINI, SILVANA STEIN, KARINE TELES. 65 MIN. ELO COMPANY. SUSPENSE.

Inspirada livremente em uma frase do conto *Feliz Aniversário*, de Clarice Lispector, a estreia do cineasta Aaron Salles Torres é uma pequena peça de suspense. Em grande atuação, Fernando Alves Pinto faz Inácio, o porteiro de um prédio na Zona Sul carioca. A mãe (Catarina Abdalla) é bruta, abusiva e foca sua revolta no filho após a morte do marido, que era o zelador. O rapaz é um tipo estranho, com algum nível de atraso mental. A trama foca a intempestiva relação com a mãe e a obsessão sexual por um dos moradores. O enredo é meio previsível e há uma recapitulada de cenas que tira força do final climático, mas o suspense é dons bons. *S.U.I.*

★★★½

THELMA

NORUEGA/FRANÇA/DINAMARCA/SUÉCIA, 2017. DE JOACHIM TRIER. COM EILI HARBOE, KAYA WILKINS, HENRIK RAFAELSEN. 116 MIN. MARES. DRAMA/SUSPENSE.

Em *Thelma*, de Joachim Trier (*Mais Forte Que Bombas*), escolhido pela Noruega para disputar o Oscar de filme estrangeiro, a personagem-título deixa a casa dos pais para estudar e conhece seu primeiro amor. Só que o relacionamento é abalado pela intromissão opressiva da família e suas crenças religiosas. Coisas estranhas começam a acontecer com Thelma, que procura respostas sobre tais fenômenos sobrenaturais. Trier cria com competência uma narrativa perturbadora para fragmentar os mistérios da protagonista. Investe em símbolos e efeitos sonoros e visuais que se ajustam ao clima de suspense psicológico. *V.B.*

★★★★

VICTORIA E ABDUL – O CONFIDENTE DA RAINHA

VICTORIA AND ABDUL, REINO UNIDO/EUA, 2017. DE STEPHEN FREARS. COM JUDI DENCH, ALI FAZAL, EDDIE IZZARD, OLIVIA WILLIAMS. 110 MIN. UNIVERSAL. DRAMA.

Judi Dench concorreu ao Oscar pela interpretação da Rainha Victoria em *Sua Majestade, Mrs. Brown*, uma crônica saborosa sobre como a controversa amizade com o criado John Brown ajudou a monarca a suportar a morte do marido, Albert. Vinte anos depois, a atriz retoma a personagem em um filme que revela – veja só – outro amigo pessoal que provocou polêmica ainda maior que o cavalariço escocês. E pode acreditar, vem mais uma indicação à estatueta por aí...

Stephen Frears, que dirigiu Judi há pouco em *Philomena*, adapta o livro de Shrabani Basu e desvenda a relação entre a rainha e Abdul Karim (Ali Fazal), um dos dois indianos que vieram direto da colônia para presenteá-la no Jubileu dos 50 anos de reinado. Victoria não dá a mínima para a medalha, mas fica encantada pelo rapaz. Transforma-o em seu "munshi", ou professor, e ele lhe abre as portas da cultura de seu país. Enquanto a dama e o vagabundo se entendem às mil maravilhas, a Corte pega fogo com o escândalo e o cineasta deixa nas entrelinhas sua mensagem contra o preconceito. Abdul era muçulmano e Victoria fica fascinada em aprender as crenças, costumes e inclusive a língua Urdu. A crítica ao colonialismo ganha voz em Mohammed (Adeel Akhtar), amigo de Abdul, que não goza de regalias e sente na pele a opressão do Império Britânico. *S.U.I.* ★★★½

ALTAS EXPECTATIVAS

BRASIL, 2017. DE PEDRO ANTONIO PAES E ALVARO CAMPOS. COM GIGANTE LÉO, CAMILA MÁRDILA, MARIA EDUARDA DE CARVALHO, MILHEM CORTAZ, FELIPE ABIB. 90 MIN. VITRINE. COMÉDIA DRAMÁTICA..

A vida de Décio (Gigante Léo), um treinador de cavalos apaixonado pelo que faz, muda completamente por causa de seu amor platônico por Lena (Camila Márdila), nova proprietária do café do Jockey Club do Brasil e para quem sorrir é um desafio. Quem assistiu à produção argentina *Coração de Leão – O Amor Não Tem Tamanho* vai notar semelhanças na abordagem do preconceito que envolve o romance de um anão com alguém de estatura normal. Inspirado na vida do comediante Leonardo Reis, o Gigante Léo, o longa arranca risos tímidos com piadas fracas – algumas de mau gosto –, mas levanta questões relevantes sobre o nanismo. *L.M.* ★★½

DEPOIS DAQUELA MONTANHA

THE MOUNTAIN BETWEEN US, EUA, 2017. DE HANY ABU-ASSAD. COM KATE WINSLET, IDRIS ELBA, BEAU BRIDGES, DERMOT MULRONEY. 102 MIN. FOX. DRAMA.

O público americano não se animou muito com *Depois Daquela Montanha*. Vamos ser justos, não fosse Kate Winslet e Idris Elba como a dupla central, não haveria muito como salvar essa convencional história de sobrevivência. Dois estranhos – e um cachorro – sobrevivem a um acidente aéreo no topo de uma montanha nevada. Sob temperaturas congelantes e outros obstáculos, eles tentam descer, achar ajuda e ainda entender o amor que nasce nesse processo. Diretor do premiado *Paradise Now* e do recente *O Ídolo*, Hany Abu-Assad deposita todas as fichas nos astros, que fazem o que podem com um texto fraco. Na cena final, porém, Kate dá um suspiro que vale o filme inteiro. *S.U.I.* ★★★

OUTRAS ESTREIAS

Dirigida por Hideaki Oba, que já trabalhou com Hayao Miyazaki, do Studio Ghibli, a animação ***POR QUE VIVEMOS*** é baseada em fatos reais ocorridos há 500 anos e, inspirada em um livro de mesmo nome, conta a história do budismo no Japão.

Depois de provocar polêmica no Festival de Brasília, acusado de "despir os escravos da trama de subjetividade e humanidade", ***VAZANTE*** chega aos cinemas. É a história de um fazendeiro que se casa com uma menina de 12 anos, nas Minas Gerais do início do século 19.

Produção de baixo orçamento, escrita e dirigida por Alex Duarte, ***CROMOSSOMO 21*** aborda a relação entre uma jovem que tem Down e um rapaz que não tem. Clarice Falcão e Lenine participam da trilha sonora.

Um dos filmes mais esperados do ano, ***LIGA DA JUSTIÇA*** une Batman, Mulher-Maravilha, Aquaman, Ciborgue e Flash (e tudo indica Superman) para a primeira aventura dos Superamigos na telona. O comando é de Zack Snyder.

LEONARDO REIS
CAMILA MÁRDILA

AGILDO RIBEIRO
MILHEM CORTAZ
AUGUSTO MADEIRA
MARIA EDUARDA DE CARVALHO
FELIPE ABIB
FABIANA KARLA
THIAGO ABRAVANEL

Altas Expectativas

DIRIGIDO POR
PEDRO ANTONIO
E ALVARO CAMPOS

30 DE NOVEMBRO NOS CINEMAS

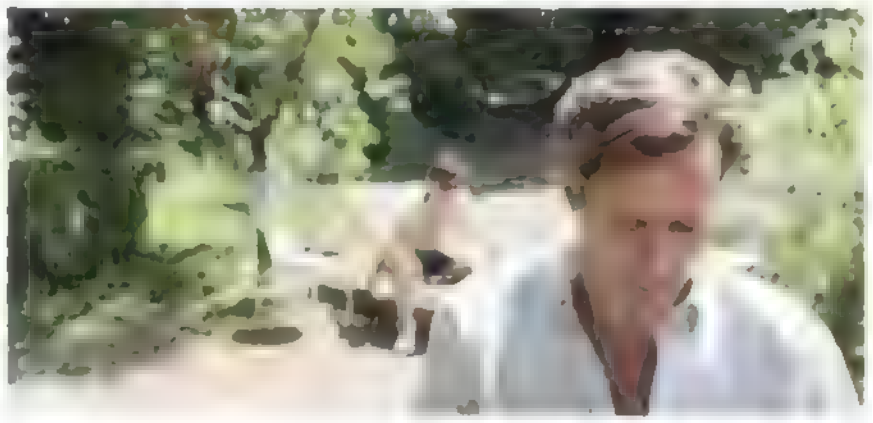
FESTIVAL

Gus Vant Sant no Mix Brasil

Cultuado cineasta americano vem a São Paulo para ser homenageado na edição comemorativa dos 25 anos do festival de Cultura da Diversidade

POR SUZANA UCHÔA ITIBERÊ

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Van Sant e os destaques *Me Chame Pelo Seu Nome* e *Os Iniciados*

Não é de hoje que o diretor artístico do Festival Mix Brasil, João Federici, deseja homenagear Gus Van Sant. Realizar o sonho bem na comemoração dos 25 anos do evento, que será de 15 a 26 de novembro, torna tudo mais especial. Federici foi a Los Angeles conversar com o diretor sobre a retrospectiva, que inclui títulos como o primeiro longa, *Mala Noche* (1987), filmado em preto e branco, e *Garotos de Programa* (1991), com River Phoenix e Keanu Reeves. Van Sant recebe um troféu pelo conjunto da obra e ainda participa do MixLab SPcine, encontro entre realizadores e profissionais do cinema brasileiro e estrangeiro.

Federici festeja também outra novidade. "A entrada é franca para tudo. Só precisa retirar ingressos com antecedência e cada sala terá sua informação de procedimento", explica. "Este ano tivemos um recorde de filmes inscritos, que passaram dos 500, e em nossa programação recorde exibiremos 68 produções nacionais contemplando as cinco regiões brasileiras." O filme de abertura, em sessão para convidados, é *Me Chame Pelo Seu Nome*, do diretor italiano Luca Guadagnino. Narra o romance entre um garoto de 17 anos (Timothée Chalamet) e o convidado (Armie Hammer) de seu pai, durante férias na Riviera Italiana – PREVIEW já viu e é belíssimo. "O que mais me chama a atenção no filme é a importância da família, do amor entre eles, da educação e respeito que um tem pelo outro. É o tipo de família que todos gostaríamos de ter, que dá suporte, compreende, respeita e fortalece o amadurecimento de seus filhos", afirma.

Cerca de 52 mil pessoas são esperadas nesta edição. Na programação internacional estão alguns indicados por seus países à uma vaga ao Oscar 2018: *Conversa Fiada* (Taiwan), de Hui-chen Huang, *Thelma* (Noruega), de Joachim Trier, *Tom of Finland* (Finlândia), de Dome Karukoski, e *Os Iniciados* (África do Sul), de John Trengove. Como a abertura é no feriado de 15 de novembro, há atrações especiais abertas ao público. Entre elas, o show da cantora Liniker e os Caramelows, na área externa do Auditório Ibirapuera, e o espetáculo teatral *Processo de Conscerto do Desejo*, que Matheus Nachtergaele dirige e protagoniza.

"O Mix Brasil praticamente começou como um nicho experimental de curtas metragens e na última década se tornou o maior festival de cultura LGBTQ da América Latina e um dos maiores do mundo", conta Federici. "Foi preciso muita persistência e um trabalho conjunto. Não chegaríamos aqui se não fossem os realizadores brasileiros e tantos amigos que nos ajudam dentro e fora do Brasil. A entrada do Banco Itaú e da Sabesp nas últimas edições trouxe um porto seguro para a curadoria e produção, pois o evento exige muito preparo e pesquisa durante o ano inteiro." ■

Confira a programação completa no site: www.mixbrasil.org.br

JUNTE-SE À LIGA E VENHA VIVER TODA EMOÇÃO E AVENTURA

EM UMA SALA KINOEVOLUTION

DC

LIGA DA JUSTIÇA

TODOS JUNTOS EM NOVEMBRO

KINOEVOLUTION

TELA GIGANTE. SOM AO MÁXIMO
IMAGEM AO MÁXIMO. EMOÇÃO AO MÁXIMO

Som triamplificado e projeção digital 3D de última geração.
KINOEVOLUTION, O NOVO CONCEITO EM CINEMA.

Acesse kinoplex.com.br e venha viver essa emoção.

Kinoplex

Cinema que dá fome

Na esteira de dois grandes sucessos, André Pellenz estreia seu terceiro longa, *GOSTO SE DISCUTE*, que tem Cassio Gabus Mendes como um chef em crise

POR SUZANA UCHÔA ITIBERÊ

Cassio e Gabriel: confronto na cozinha

IMAGEM

Minha Mãe é uma Peça: O Filme foi a produção nacional mais assistida de 2013, com 4,6 milhões de espectadores. *Detetives do Prédio Azul: O Filme* atraiu mais de 1 milhão aos cinemas e por enquanto é o maior sucesso nacional de 2017. Por trás da adaptação da peça de Paulo Gustavo e da série infantil do canal Gloob, André Pellenz fica encabulado quando PREVIEW pergunta qual o segredo de seu toque de Midas. "Não, nada disso, mas acho que o cinema precisa chegar ao público", ele diz. Diretor de curtas e séries de TV, como *220 Volts*, Pellenz também atuava na publicidade. "Era uma pequena vida dupla, um pagava as contas e no outro eu brincava, agora já dá para ficar só de um lado", revela. Este mês ele estreia seu terceiro longa, *Gosto se Discute*, comédia de dar água na boca, literalmente.

Em seu primeiro protagonista na telona – já era hora –, Cassio Gabus Mendes interpreta Augusto, famoso chef do Gusto, restaurante que já viveu dias de glória e agora amarga a decadência e a concorrência do food truck de um chefe rival, Patrick (Gabriel Godoy), instalado bem na frente. Para piorar, o banco sócio da casa envia uma auditora, Cristina (Kéfera Buchmann), com a missão de revolucionar o local. O chef precisa provar que ainda está em forma, só que o estresse é tanto que ele perde o paladar justamente no momento de elaborar um novo cardápio.

Fã do cinema italiano, especialmente das comédias, Pellenz conta que seu olhar bateu com o de Paulo Gustavo na hora de transportar Dona Hermínia para a tela grande. "Estávamos em sintonia sobre fazer uma comédia familiar com humor e emoção", explica. "Em *D.P.A.* bebi na fonte de Tintim, cujas aventuras marcaram minha infância." *Gosto se Discute* é comédia sutil. "Até poderia ser um drama, mas da forma como tenho encarado o mundo hoje, acho que precisamos colocar humor nas coisas."

ALEGORIA

Embora a trama do chef sem paladar possa remeter ao cineasta que perde a visão criado e interpretado por Woody Allen em *Dirigindo no Escuro* (2002), Pellenz garante que a inspiração veio de uma experiência pessoal. De cozinha ele entende pouco, mas quando começou a pensar no filme, há uns cinco anos, a febre da gastronomia estava prestes a ferver. "Fazer um filme nesse universo não foi meu motor, mas era o assunto da vez e isso me despertou. Assisti a inúmeros filmes sobre gastronomia e percebi que esse mundo tem muito a ver com o meu", afirma. A história é alegoria de uma crise profissional que enfrentou. "A perda do paladar significa um momento em que você sente que não tem recursos, que está sem suas ferramentas, é um sentimento de impotência."

Segundo o diretor, cinema e culinária são arte e negócio. "O chef e o cineasta podem servir o prato ou o filme que quiserem, mas precisam fazer dinheiro, lidar com sócios ou produtores e ainda atrair público", compara. "Identifico-me com o Augusto quando ele tem de negociar o cardápio com o sócio capitalista, quando precisa fazer concessões e mudar o tempero para atrair público, e em sua busca pelos ingredientes ideais", afirma. "Não adianta eu sonhar com um ator, meu ingrediente, se ele não está disponível, não quer fazer o filme ou é muito caro."

Assim como o chef resiste às mudanças exigidas pela auditora Cristina, Pellenz conta que tinha dificuldade em aceitar que às vezes é preciso encarar as coisas de outra maneira. Ele pontua, porém, que Augusto busca uma solução para a crise sem abrir mão de sua essência. "Estou cansado desses filmes que seguem a tradicional regra de roteiro que determina que os personagens precisam mudar. Mas é verdade que na vida a gente se apega a alguns detalhes que nos parecem fundamentais, quando não são."

ORIXÁS

Para dar forma ao universo da cozinha, profissionais se misturaram ao elenco. O preparo de pratos exóticos é uma verdadeira coreografia, fruto da direção de arte de Claudia Terçarolli em conjunto com o chef Celso Lacerda. O cardápio dos Orixás, fundamental na trama, só existe no Brasil e já foi servido pela chef Bel Coelho no Clandestino. "Gustavo poderia criar qualquer cardápio, mas busquei algo único daqui", diz Pellenz. "A Bel me ajudou na abordagem dos orixás, que hoje transcendem a umbanda e o candomblé e são parte da cultura brasileira."

À vontade como chef, Cassio Gabus Mendes fez treinamento no Maní, da chefe Helena Rizzo. Outros atores trabalharam como garçons no Ruella, para aprender o manejo com os pratos. Já a presença de Kéfera Buchmann é curiosa. "Sempre quis o Cassio e a Kéfera fez teste, não veio por causa do canal do YouTube, então estou juntando uma atriz revelada no que há de mais novo com um cara extremamente clássico. Essa mistura me agrada", comenta. "Christopher Nolan não escalou o cantor do One Direction (Harry Styles) para *Dunkirk* à toa e outros cineastas acertaram ao fazer escolhas inusitadas para o elenco." Agora é esperar para ver se os ingredientes vão cair no gosto do cliente. ■

FOTOS: FLÁVIA MONTENEGRO

Nos sets: Kéfera e Cassio; o diretor Pellenz entre o ator e Paulo Miklos, que faz um médico

Sem medo de ousar

Protagonista de *Não Devore Meu Coração*, CAUÃ REYMOND tem investido forte no cinema independente e em personagens desafiadores

POR DANIEL SCHENKER

A estreia de *Não Devore Meu Coração*, filme de Felipe Bragança que chega aos cinemas em 23 de novembro, não resume o vínculo atual de Cauã Reymond com o cinema. Ele também poderá ser visto, em breve, como um dono de cinema pornô em *Piedade*, de Claudio Assis, e um policial em *A Dupla*, de Marcus Baldini. São filmes que evidenciam propostas diversas na carreira desse ator que podia ter se acomodado como galã da novela, mas seguiu rumo muito diferente.

Em *Não Devore meu Coração*, que abriu a 50ª edição do Festival de Brasília, realizado em setembro, o ator interpreta Fernando, o revoltado integrante de uma gangue de motoqueiros na fronteira do Brasil com o Paraguai, região assombrada por conflitos acirrados. "O universo do personagem é distante do meu, tanto no que diz respeito a dados específicos – nunca tive moto, o que não me impediu de fazer as cenas mais perigosas – quanto emocionalmente", ele conta em entrevista à PREVIEW durante o evento. "Mas o filme toca em questões fortes para mim: a manipulação que o pai exerce sobre o filho e a morte de uma pessoa próxima, como Telecatch (Marco Lóris), o líder da gangue de motoqueiros com quem Fernando tinha uma relação fraterna", afirma.

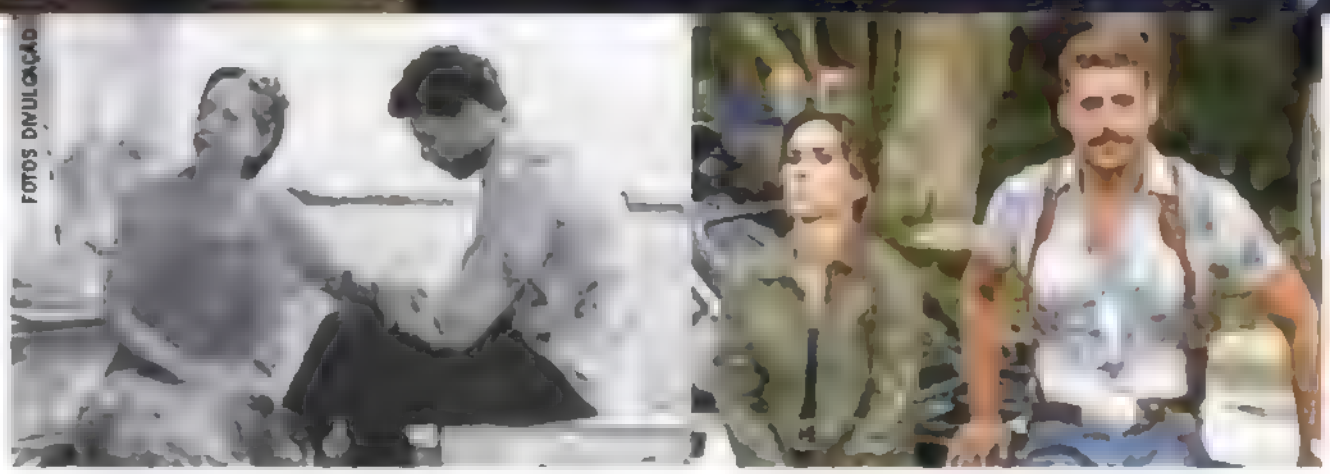
Em *Piedade* – que reúne elenco composto por Fernanda Montenegro, Matheus Nachtergaele, Irandhir Santos e Gabriel Leone –, Cauã é um homossexual que teve um filho na adolescência antes de adquirir plena consciência de sua sexualidade. Já em *A Dupla*, dialoga com o cinema de mercado, vertente que exercitou em *Divã* (2009), de José Alvarenga Jr., e contracena com Tatá Werneck. "Eu e Tatá somos atores bem diferentes. Mas gostei do filme que ela protagoniza", comenta acerca de *TOC: Transtornada, Obsessiva, Compulsiva* (2017), dirigido por Paulinho Caruso e Teodoro Poppovic.

Reymond em *Não Devore Meu Coração*: motoqueiro rebelde

Reymond tem outros projetos. Deve marcar presença no próximo filme de Aly Muritiba, *Barba Ensopada de Sangue*, adaptação do livro de Daniel Galera que chegará ao cinema em produção de Rodrigo Teixeira. A história, ambientada em Santa Catarina, remete a uma experiência particular. "Durante seis meses, morei com meu pai e meu avô em Lagoa da Conceição. Meu pai teve filho muito cedo e viajou para lá em busca da própria verdade", revela. Para completar, fará *Ilha de Ferro*, série de Afonso Poyart.

PREPARO

Com alguma frequência, ele se depara com personagens confrontados com situações extremadas – como Leo, de *Se Nada mais Der Certo* (2008), de José Eduardo Belmonte. "Eu me interesso por personagens à beira do limite. Mas a paternidade me ajudou a levá-los menos para casa", garante o ator, pai de Sofia. "O fato é que eu topo determinados jogos: em *Amores Roubados*, a mãe e o filho não se falavam. Eu e Cassia Kiss combinamos que não nos falaríamos e nem ficaríamos próximos nos bastidores", relata, mencionando a série de George Moura exibida na TV Globo.



FOTOS DIVULGAÇÃO

Próximos filmes: com Fernanda Montenegro em *Piedade* e Tatá Werneck em *A Dupla*

No cinema, Reymond vem sendo conduzido por diretores veteranos – como Carlos Reichenbach, em *Falsa Loura* (2007), e Jorge Durán, em *Não se Pode Viver sem Amor* (2010) – e por outros com menos anos de carreira, mas com percursos consideráveis – casos de Heitor Dhalia (em *À Deriva*, de 2009), André Ristum (*Meu Pais*, 2011), Toni Venturi (*Estamos Juntos*, 2011), Mauro Lima (*Reis e Ratos*, 2012, e *Tim Maia*, 2014) e os citados Belmonte (com quem fez ainda *Alemão*, em 2014), Baldini e Bragança. "Percebo nos veteranos uma segurança especial no set. Os jovens têm sangue no olho e desejo de dar certo que me encantam, contaminam", declara.

A quantidade de realizações sugere uma trajetória mais longa. Cauã Reymond estreou como ator no início da década de 2000. "Estudei nos Estados Unidos durante dois anos, mas estreei verde. Amadureci na frente do público. Aprendi nos sets", assume. Na maior parte dos trabalhos, no cinema e na televisão, contou com uma etapa de preparação prévia. Os processos se aproximam dos ensaios teatrais. Ele, inclusive, experimentou o teatro, mesmo que com menos assiduidade. Participou das encenações de *Em Alto Mar*, de Slawomir Mrozek, a cargo dos irmãos Adriano e Fernando Guimarães, e *Essa Nossa Juventude*, de Kenneth Lonergan, assinada por Maria Luisa Mendonça. "Assisti, em Londres, a *The Ferryman*, espetáculo dirigido por Sam Mendes, e adorei. Estou com vontade de voltar ao palco", informa, elogiando a montagem do texto de Jez Butterworth. ■

O repórter viajou a convite da organização do Festival de Brasília

PERFIL

O encrenqueiro ideal

Por que SHIA LABEOUF é a escolha perfeita para interpretar o tenista John McEnroe em *Borg vs McEnroe*

POR SUZANA UCHOA ITIBERÊ

Em junho, o ex-tenista americano John McEnroe pretendia virar notícia pelo lançamento de sua autobiografia, *But Seriously*, mas ganhou as manchetes pela habilidade nata de polemizar. Em entrevista, disse que Serena Williams (a segunda tenista que mais venceu Grand Slams) seria a 700 do mundo se jogasse no circuito masculino. A língua solta era sua marca nas quadras, com berros e xingamentos, sem contar raquetes quebradas e os rompantes de fúria que lhe deram a fama de bad boy. E quem melhor para dar vida ao enfant terrible do tênis nos anos 80 que o astro mais encrenqueiro da nova geração de Hollywood? Sim, estamos falando de Shia LaBeouf e do filme *Borg vs McEnroe*.

A produção sueca dirigida por Janus Metz descortina os bastidores da lendária partida entre Björn Borg e John McEnroe na final de Wimbledon, em 1980. Aos 24 anos, o sueco Borg (Sverrir Gudnason), número 1 do mundo, pode conquistar seu quinto título no torneio, mas está atormentado pela ansiedade. O rival McEnroe (LaBeouf), de 20 anos, precisa controlar o gênio se sonha tomar o trono do ídolo.

Na hora de comparar o histórico de malfeitos do tenista e do ator, contudo, as inúmeras passagens de LaBeouf pela polícia, duas delas só neste ano (veja box), fazem McEnroe parecer um anjinho. Nascido em Los Angeles dia 11 de junho de 1986, o filho único da ex-bailarina Shayna e do pa-

lhaço Jeffrey não cresceu no mais saudável dos ambientes. "Ver seu pai enfrentar a abstinência da heroína é motivo suficiente para não entrar nessa", disse certa vez o ator.

O tino humorístico do pai, porém, fez com que LaBeouf se arriscasse no stand-up até conseguir os primeiros papéis em séries de TV. Steven Spielberg ficou impressionado com o ator de 17 anos no longa *O Mistério dos Escavadores* (2003) e o escalou como protagonista de *Paranoia* (2007), produção da DreamWorks dirigida por D.J. Caruso – ator e cineasta repetiram a parceria em *Controle Absoluto* (2008). Spielberg apostou forte no carisma do novato, que virou sensação pop com *Transformers* (2007) e *Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal* (2008).

Até o Bafta celebrou o astro ascendente com um prêmio de revelação em 2008, mas lidar com a fama nunca foi o forte de LaBeouf. É curioso que o mau comportamento fora das telas não impediu que trabalhasse com diretores aclamados como Spielberg, Robert Redford *(Sem Proteção)*, Lars von Trier *(Ninfomaníaca)* e Oliver Stone *(Wall Street: O Dinheiro Nunca Dorme)*.

Pena que vivenciar o drama do pai não evitou seus próprios vícios. LaBeouf abriu o jogo em outra entrevista: "Eu sempre estive fugindo de mim mesmo, seja para o cinema, a bebida ou as drogas". Fica a torcida para que siga os passos de reabilitados como Robert Downey Jr. e Drew Barrymore e fuja da lista de talentos que sucumbiram e morreram precocemente. ■

LaBeouf e McEnroe: talentosos e polêmicos

NO XILINDRÓ

Em 2015, Shia LaBeouf narrou suas prisões em um dos capítulos do livro *Prison Ramen: Recipes and Stories From Behind Bars*, de Clifton Collins Jr. e Gustavo "Goose" Alvarez.

"A primeira vez, eu tinha apenas 9 anos. Fui preso por roubar um par de Nike de uma loja. Fiquei retido por seis horas."

"Na segunda eu tinha 11 anos e roubei um Gameboy Pokémon no Kmart. Também fiquei na delegacia por umas seis horas."

"Eu tinha 20 anos na terceira prisão, desta vez por tentar esfaquear meu vizinho durante uma briga e fiquei dois dias na cadeia. Ali eu senti o quanto a prisão é horrível."

"Na quarta, eles me prenderam porque estava drogado e me recusei a sair de uma loja Walgreens. Passei a noite na cadeia."

"Em 2014, aos 28 anos, eu estava em Nova York para assistir ao musical *Cabaret*. Não me comportei nada bem durante a apresentação e fiquei por cerca de um dia atrás das grades."

Depois disso, LaBeouf foi preso mais duas vezes, neste ano. Em janeiro, se envolveu numa briga durante protesto anti-Trump que ele próprio organizou em Nova York. Em julho, a razão foi embriaguez e desordem pública por terem lhe recusado o pedido de um cigarro. Aguardem as cenas do próximo capítulo.

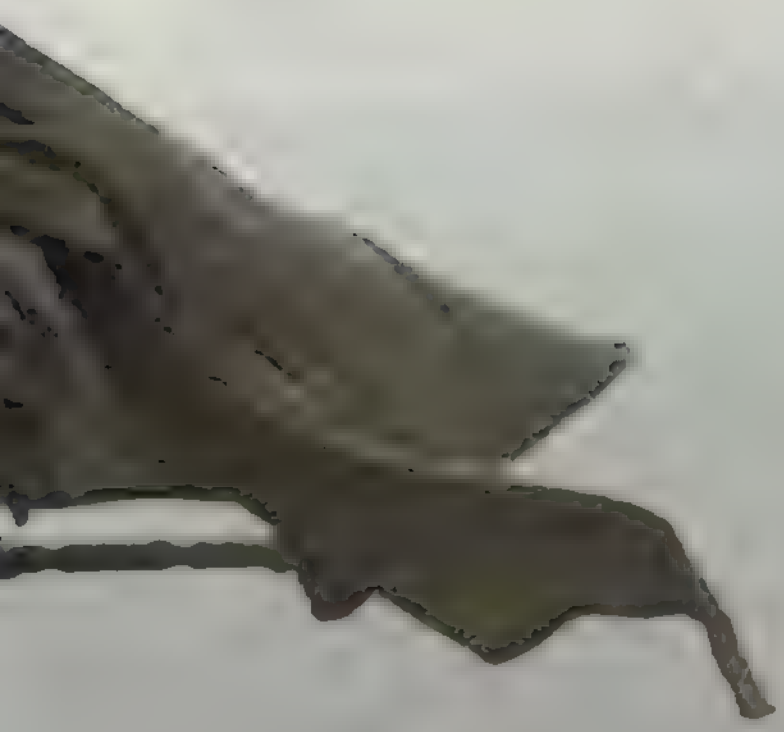
TELONA

PREVIEW

A FORÇA EM ALERTA

Em *OS ÚLTIMOS JEDI*, o diretor Rian Johnson enfrenta a morte de Carrie Fisher e as perguntas deixadas sem resposta no mais recente episódio da saga *STAR WARS*

POR ANDRÉ GORDIRRO



Confronto decisivo: trama mantida em segredo promete surpreender os fãs

Segredos e mentiras. Dos sete episódios da saga *Star Wars*, *O Despertar da Força* certamente caminha lado a lado com *O Império Contra-Ataca* como o capítulo que mais deu nó na cabeça dos fãs. Se o longa-metragem de 1980 deixou todo mundo de queixo caído com a revelação de que Darth Vader era o pai de Luke Skywalker – e também um pouco desconfiado de que aquilo fosse uma jogada do vilão para perturbar o mocinho, até a verdade ser confirmada em *O Retorno de Jedi* –, *O Despertar da Força* deixou um monte de perguntas no ar para serem respondidas pela sequência *Os Últimos Jedi*. Por que Luke Skywalker se exilou por 30 anos? Qual é a origem de Rey? Quem é o vilão Snoke? Por onde andou o sabre de luz de Luke desde o sumiço na Cidade das Nuvens? A lista poderia ocupar a edição inteira de PREVIEW, e até seria um belo exercício lúdico de adivinhação, mas resta uma pergunta real e dolorosa que pulsa em todos os corações dos fãs de *Star Wars*: qual será o destino de Leia Organa, agora que Carrie Fisher morreu logo após as filmagens de *Os Últimos Jedi*?

Nada garante que as respostas às dúvidas da trama sejam prontamente respondidas nesse novo filme, assinado por Rian Johnson, que substitui J.J. Abrams na cadeira de diretor. Mas certamente o destino de Leia terá um desfecho, até porque a Lucasfilm jura de pés juntos que não se valerá do precedente de ter recriado a personagem digitalmente (vide *Rogue One — Uma História Star Wars*) para continuar sua jornada no *Episódio IX*, que estreia em 2019. Revelado por *A Ponta de um Crime* (2005), premiado em Sundance, Rian Johnson fez *Looper — Assassinos do Futuro* (2012) e dirigiu o mais elogiado episódio de *Breaking Bad*, *"Fly"*.

Johnson teve a tarefa espinhosa de pegar as pontas soltas deixadas propositalmente assim por J.J. Abrams e uni-las em um enredo. Propositalmente, sim: como nas séries *Lost* e *Alias*, Abrams desenvolveu um monte de conceitos — o proverbial urso polar em uma ilha tropical, digamos assim — apenas para deixar o abacaxi nas mãos de outros para ser descascado. Coube a Rian Johnson escrever uma bíblia que preenchesse os buracos deixados por seu sucessor que, por ironia do destino, vai voltar ao cargo de diretor para encerrar a nova trilogia. Com a demissão de Colin Trevorrow (*Jurassic World*) antes mesmo de começar a produção do *Episódio IX*, J.J. Abrams foi contratado para, como diria Kylo Ren, "terminar o que ele começou". Agora, Abrams terá de responder às perguntas que Johnson tiver deixado no ar.

LUKE

O Despertar da Força se encerrou com um dos maiores ganchos recentes do cinema, a já icônica cena de Rey (Daisy Ridley) entregando o sabre de luz para um atônito (e mudo) Luke Skywalker (Mark Hamill, de volta ao papel que o consagrou). *Os Últimos Jedi* explora o treinamento ministrado pelo agora velho mestre para a aprendiz surpreendentemente poderosa, com diálogos crípticos e bombásticos como "está na hora de os Jedi acabarem" e "eu vi essa força bruta apenas uma vez. Na época, não me assustou. Agora, assusta" (Aparentemente, Luke Skywalker não faltou às aulas sobre "discursos de mestres" com Yoda e Obi-Wan Kenobi). Muito se comenta que é possível que Luke ceda ao Lado Negro para derrotá-lo por dentro – uma trama de uma famosa história em quadrinhos de 1991, "Império do Mal". A própria campanha de marketing de *Os Últimos Jedi* sugere isso. Em um display de cinema chamado "escolha o seu lado", a imagem de Luke tanto se agiganta sobre os heróis, quanto sobre os vilões. Se a tática da Lucasfilm é de evitar spoilers, talvez tivesse sido melhor combinar primeiro com o departamento de promoção do filme.

O conflito da Força, movido especialmente por Rey, que deseja encontrar seu "lugar em tudo isso", tem como pano de fundo a grande queda de braço entre a Resistência e a Primeira Ordem. Um dos confrontos entre as duas facções acontece em Crait, um planeta que é essencialmente uma grande salina encobrindo uma "poeira vermelha", que é o mineral explorado ali. O local abriga uma antiga base da Rebelião, que é ocupada pela Resistência e atacada pelas forças da Primeira Ordem. A poeira vermelha não só é importante para o combate como dá o tom do marketing de *Os Últimos Jedi*, naquele tipo de simbolismo que deixaria George Lucas orgulhoso: vermelho, afinal, é a cor do sangue, que representa tanto violência quanto laços familiares. E os dois elementos permeiam a saga dos Skywalkers como nenhum outro, não importa quem esteja no comando, se o próprio Lucas ou os substitutos J.J. Abrams ou Rian Johnson.

OS 40 ANOS DE STAR WARS

George Lucas comeu o pão que o sith amassou para tirar o primeiro episódio da saga do papel

Guerra nas Estrelas: cenas grandiosas que entraram para a história do cinema

Fenômeno que foi além do sucesso nos cinemas e permeia toda a cultura pop, *Star Wars* nasceu como *Guerra nas Estrelas*, um modesto filme de ficção científica criado pelo cineasta George Lucas em 1977 e que hoje é uma marca global com um valor de cerca de US$ 30 bilhões. O sonho do diretor rendeu sete filmes e várias séries de desenhos animados, além de comandar uma indústria de produtos correlatos e licenciados. Mas o início foi uma luta inglória para convencer Hollywood a apostar em um gênero então moribundo.

Tudo começou quando Lucas foi apresentado ao produtor Gary Kurtz por Francis Ford Coppola. Os dois se tornaram melhores amigos rapidamente, pois ambos amavam cinema, carros e... o herói cósmico Flash Gordon. Entusiasmado com o papo, em 1971 Lucas tentou em vão comprar os direitos cinematográficos das tiras escritas e desenhadas por Alex Raymond e decidiu criar a própria aventura de fantasia espacial, tendo Kurtz como produtor. Presente no Festival de Cannes por causa de *THX-1138*, seu longa-metragem de estreia, Lucas vendeu o projeto de um filme juvenil (*American Graffiti — Loucuras de Verão*) para a Universal, que também ficou interessada na tal fantasia espacial, tanto que registrou o nome *The Star Wars*. O estúdio, porém, abriu mão da opção de compra quando nem respondeu ao roteiro enviado pelo correio por Lucas, que se sentiu à vontade para oferecê-lo por toda Hollywood.

Foi a Fox, na figura do gerente de projetos Alan "Laddie" Ladd Jr., que se entusiamou. Em 13 de julho de 1973, um memorando de Laddie propôs um orçamento de US$ 3,5 milhões e 40% dos lucros do filme para George Lucas fazer *The Star Wars*. Ele sofreu por dois anos para entregar uma nova versão do roteiro, agora mais enxuto, mas a Fox calculava que seriam necessários entre US$ 6 milhões e 15 milhões para realizar o filme. Em 1º de janeiro de 1976, Lucas finalmente terminou o roteiro, com diálogos espirituosos escritos por Willard Huyck e Gloria Katz (*Indiana Jones e o Templo da Perdição*), mas apenas em dezembro a Fox aprovou o orçamento de US$ 8,3 milhões — com o consentimento velado de Grace Kelly, integrante do conselho administrativo, que não se opôs à obra.

DESTRUIÇÃO

A produção, que já fora difícil na Tunísia — onde as altas temperaturas e tempestades de areia que destruíram o set de Tatooine foram uma praga —, só piorou em Londres. A equipe inglesa, composta por veteranos da indústria cinematográfica local, era hostil ao inexperiente e tímido Lucas, e menosprezava o filme e seu diretor americano. A pressão foi tanta que ele foi parar no hospital. Com o material bruto filmado, George Lucas retornou aos Estados Unidos para ver como estavam os efeitos especiais feitos pela empresa que ele fundou exatamente para esse fim, a Industrial Light & Magic.

Ao chegar em casa, sua Estrela da Morte explodiu: ele descobriu que apenas uma única tomada de efeitos prestava, dentre as 360 projetadas. Desgostoso, passou a achar que o filme seria um fracasso, pois *Star Wars* (agora sem The) estrearia em maio sob a concorrência de *O Comboio do Medo*, de William Friedkin, na crista da onda com *Operação*

LUCASFILM/REPRODUÇÃO

Lucas em ação: pioneirismo entre o veterano Alec Guinness e o novato Mark Hamill

REPRODUÇÃO

França e *O Exorcista; Agarra-me Se Puderes*, do astro Burt Reynolds; e da própria grande aposta da Fox para o verão americano, *O Outro Lado da Meia-Noite*, baseado em um best-seller de Sidney Sheldon.

Para se fazer notar, *Star Wars* contou com um trunfo: Charley Lippincott, amigo de Lucas na faculdade de cinema e que escreveu a bíblia do marketing moderno de cinema. Lippincott vendeu os direitos de adaptação de *Star Wars* para livro e quadrinhos, que foram lançados antes do filme e aguçaram o interesse do público em ver todas aquelas imagens mirabolantes na tela. Depois, Lippincott levou Mark Hamill e elementos de cena para a San Diego Comic Con de 1976, o que fez de *Star Wars* o primeiro filme a ter um painel na famosa convenção nerd. Assim, foi estabelecida uma conexão direta e criou-se um público ávido por *Star Wars* muito antes de o filme estrear em 25 de maio de 1977.

De forma surpreendente, o filme desacreditado pela Fox e seu próprio realizador, que estreou em apenas 32 salas, conquistou a imaginação coletiva e rapidamente teve seu circuito expandido. As pessoas não queriam sair das salas e provocavam superlotação com o público da próxima sessão: foi por causa de *Star Wars* que a maioria dos cinemas americanos instituiu a política de retirar os pagantes da sala entre as sessões (no Brasil, isso só ocorreria nos anos 1990, com a chegada dos multiplexes). As ações da Fox pularam de US$ 13 para US$ 23 com um mês da produção em cartaz. O estúdio, porém, teria de pagar a Lucas 50% dos ganhos com produtos licenciados e 40% do aluguel do filme para os cinemas (os "rentals", que é como funciona a consignação de lançamentos cinematográficos no circuito). Para piorar: os direitos da continuação ficaram nas mãos de Lucas, que tinha dois anos para exercê-los. De jovem diretor à beira de um ataque de nervos, Lucas se tornou um dos cineastas mais bem-sucedidos da história.■

CINEMARK MANIA

O PROGRAMA DE VANTAGENS MAIS DIVERTIDO DO BRASIL.

ACESSO EXCLUSIVO*

BRINDE NO DIA

ADQUIRA JÁ O SEU CARTÃO NAS BILHETERIAS.

DEPOIS É SÓ SE CADASTRAR NO SITE DA CINEMARK PARA COMEÇAR A APROVEITAR TODOS OS SEUS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS E GANHAR UM INGRESSO, QUE VALE PARA QUALQUER SESSÃO DE 2ª A 5ª, INCLUSIVE PARA AS SALAS 3D E XD.

*ACESSE O REGULAMENTO EM CINEMARK.COM.BR/CINEMARK-MANIA/REGULAMENTO E SAIBA MAIS.

CINEMARK MANIA

CINEMARK 20
A EXPERIÊNCIA QUE TOCA SEU CORAÇÃO.

MORTE SOBRE OS TRILHOS

Em *ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE*, o cineasta Kenneth Branagh reúne um elenco estelar e revisita o clássico romance de Agatha Christie

POR ROBERTO PUJOL

O irlandês Kenneth Branagh tinha apenas 29 anos de idade quando apresentou ao mundo seu primeiro longa-metragem, *Henrique V* (1989), adaptação da obra de William Shakespeare que viria a faturar o Oscar de figurino. Ele também ganhou indicações ao prêmio nas categorias de ator e diretor. Da noite para o dia, virou a nova coqueluche britânica de Hollywood. Além de ser paparicado pelos críticos, choveram elogios de todos os lados por ele ter resgatado e popularizado a obra nem sempre acessível do dramaturgo inglês, repetindo o que Laurence Olivier, a quem passou a ser sistematicamente comparado, havia feito nas décadas de 1940 e 1950.

Ex-membro do Royal Shakespeare Company, Branagh continuou nessa toada ao longo dos anos trabalhando como diretor e/ou ator em *Muito Barulho por Nada* (1993), *Othelo* (1995), *Hamlet* (1996), *Amores Perdidos* (2000) e *Como Você Quiser* (2006). Prestes a completar 57 anos (nasceu em Belfast, no dia 10 de dezembro de 1960), o diretor-ator volta a surpreender com esta nova versão de *Assassinato no Expresso do Oriente*, trazendo de volta às telas outro nome consagrado da literatura britânica: Agatha Christie. Claro que não faz sentido comparar os textos de Shakespeare e as brilhantes tramas da "Rainha do Crime", mas vale registrar que eles têm outra coisa em comum além da nacionalidade: são os autores que mais venderam livros em todos os tempos, perdendo apenas para a Bíblia.

Devorador de romances policiais, Branagh releu *Assassinato no Expresso do Oriente* poucos anos atrás e diz ter se surpreendido: "Gostei do conjunto, de como a história ainda funciona, de seu elemento claustrofóbico". O roteiro escrito por Michael Green (*Blade Runner 2049*) foi outro fator decisivo que o fez levar adiante a empreitada:

Branagh: em cena ostentando o famoso bigode do detetive Poirot

"Ele captura a diversão e o medo do romance. Acho que estamos fazendo um filme mais assustador do que as pessoas podem imaginar". Mas ele que se prepare, pois as cobranças serão enormes. Além de prestar contas a uma legião de leitores fiéis, Branagh terá de superar dois obstáculos. Um deles é o de não macular o próprio romance, um dos melhores e mais originais que Agatha produziu ao longo da carreira. O outro é fazer frente à esperta e requintada primeira versão cinematográfica do livro.

Vale abrir aqui um espaço para listar os muitos predicados dessa superprodução de 1974: direção elegante de Sidney Lumet, realizador de *Um Dia de Cão* e *Rede de Intrigas*; elenco estelar de cair o queixo com Albert Finney, Lauren Bacall, Vanessa Redgrave, Sean Connery, Ingrid Bergman, entre outros; excelência em todos os quesitos técnicos; hipnótica e arrepiante introdução que modificou, para o bem da narrativa, a estrutura do livro; maravilhosa atuação de um irreconhecível Finney, que acentuou, na medida certa, toda a excentricidade do belga Hercule Poirot, provavelmente o mais famoso detetive da literatura policial depois de Sherlock Holmes. O filme recebeu merecidas nomeações ao Oscar de ator (Finney), roteiro, fotografia, figurino e trilha sonora, mas só levou o de atriz coadjuvante – o terceiro de Ingrid, que em seu discurso de agradecimento deixou claro que a francesa Valentina Cortese, por *A Noite Americana*, é quem merecia levar o prêmio. Sucesso de crítica e público, a fita deu origem a várias outras adaptações da obra de Agatha - *Morte Sobre o Nilo* (1978), *A Maldição do Espelho* (1980), *Assassinato num Dia de Sol* (1982) –, que tentaram repetir a mesma fórmula, mas só conseguiram ser progressivamente mais fracas, além de trazer um inadequado Peter Ustinov no papel de Poirot.

Elenco estelar: além de Depp, destaque para as presenças de Olivia Colman, Judi Dench, Daisy Ridley, [illegible] e Penélope Cruz

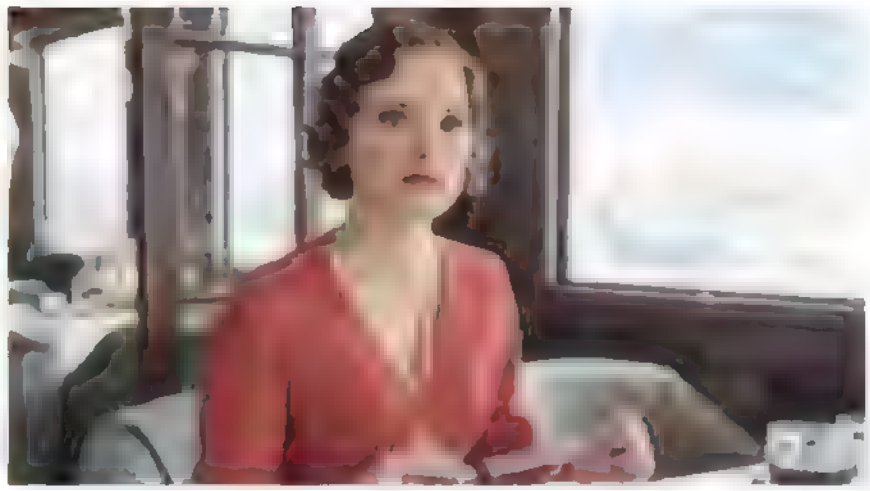
FOTOS FOX

NOVA ABORDAGEM

Antes de iniciar as filmagens do remake, Branagh decidiu não assistir à versão de Lumet e ainda sugeriu aos atores que seguissem pelo mesmo caminho. Disse que pretendia recontar a trama clássica, ambientá-la na mesma época (década de 1930), mas adotar uma nova abordagem. A trama que move *Assassinato no Expresso do Oriente* é baseada num célebre caso real, o dramático sequestro de um dos filhos do aviador e herói norte-americano Charles Lindbergh, em 1932, mas a história também traz elementos importantes tirados das experiências vividas pela própria autora. Agatha embarcou pela primeira vez no Expresso do Oriente, luxuoso trem de passageiros que liga Paris a Istambul, no outono de 1928. No ano seguinte, uma tempestade de neve fez com que a locomotiva ficasse isolada do resto mundo por seis longos dias. Foi quando a escritora teve o estalo: e se um crime tivesse sido cometido dentro do trem, durante a viagem? Nascia assim um dos maiores sucessos da autora, publicado pela primeira vez em 1934.

Johnny Depp encarna Ratchett (feito por Richard Widmark na primeira versão), rico e detestável empresário que viaja no Expresso na companhia do secretário (Josh Gad, o LeFou de *A Bela e a Fera*) e do mordomo (Derek Jacobi, em sua quarta colaboração com Branagh). Lá pelas tantas, Ratchett procura a ajuda de Poirot. Diz que é um homem poderoso e que está sendo ameaçado. Oferece uma grana alta para Poirot protegê-lo. O detetive prontamente recusa a oferta. Horas mais tarde, uma avalanche de neve desaba sobre os trilhos, interrompendo a viagem, e um corpo esfaqueado é descoberto dentro da cabine. Chegou a hora de Poirot colocar suas "pequenas células cinzentas" para funcionar e descobrir a identidade do criminoso antes que a equipe de resgate chegue. Tudo indica que ele (ou ela) está entre os passageiros que viajavam no mesmo vagão da vítima, mas Poirot não descarta outras possibilidades. Uma situação limite que lembra *O Caso dos Dez Negrinhos*, o romance mais vendido (já superou os 100 milhões de livros) e filmado da escritora (veja no box). Neste outro clássico, um grupo de pessoas fica isolado e preso numa ilha e sabe-se que existe um assassino no meio deles.

Também produtor do filme ao lado de Ridley Scott, o diretor mandou avisar que sua versão reserva algumas "surpresas" ao espectador – além daquelas que já vêm embutidas no enredo original, que fique bem claro. Será que se refere ao fato de ter mudado nome, profissão e até nacionalidade de alguns personagens? Bem, já sabemos que a missionária sueca Greta Ohlsson, vivida por Ingrid Bergman no filme original, agora é espanhola e atende pelo nome de Pilar Estravados (Penélope Cruz). Outro personagem, antes italiano, virou cubano. A mudança mais radical foi transformar o coronel inglês interpretado por Sean Connery num médico norte-americano, papel defendido pelo cantor e dançarino Leslie Odom Jr.. O elenco classe A é completado por Michelle Pfeiffer (papel que foi de Lauren Bacall e que Michelle herdou após desistências de Angelina Jolie e Charlize Theron), Judi Dench, Willem Dafoe, Daisy Ridley, heroína da nova trilogia de *Star Wars*, e o badalado bailarino ucraniano Sergei Polunin.



Resta saber como os conservadores leitores de Agatha Christie vão encarar essas novidades. Lembrando que a coisa não começou bem: assim que o primeiro trailer do filme foi liberado, muita gente torceu o nariz para o visual de Hercule Poirot, interpretado pelo próprio Branagh. As principais críticas foram para cor e tamanho do bigode, uma de suas características mais marcantes. Coisa de fã. Em seus livros, Agatha descreve Poirot como um homenzinho excêntrico, meticuloso, extremamente vaidoso, dono de um enorme e formidável bigode. Ela ainda estava viva quando o filme de Lumet chegou aos cinemas e desaprovou o mesmo detalhe. Para ela, o de Albert Finney deveria ser maior: "Escrevi que meu detetive tinha o melhor bigode na Inglaterra. E ele não estava no filme!", completou desapontada. Provavelmente iria gostar do novo Poirot. Seu bigode é gigantesco!

A RAINHA DO CRIME

Famosa e excêntrica, AGATHA CHRISTIE virou sinônimo de romance policial ao redor do mundo

O nome Agatha Christie (1890 - 1976) está relacionado a números impressionantes. Traduzida para mais de 100 idiomas, superou a marca de dois bilhões de cópias vendidas. Ao longo de uma profícua carreira que durou entre 1920 e 1976, a Rainha do Crime produziu 66 romances policiais, diversos livros de contos, além de seis novelas românticas (sob o pseudônimo de Mary Westmacott) e peças teatrais. A mais famosa delas, *A Ratoeira*, continua sendo encenada ininterruptamente no mesmo teatro de Londres desde que estreou em 1952. Idolatrada nos quatro cantos do planeta, foi condecorada em 1971 com o título de Dama do Império Britânico, honraria para poucos, equivalente ao Sir concedida aos homens.

A escritora tinha lá suas excentricidades. Não gostava que seus personagens fossem retratados na capa dos livros e olhava torto para qualquer adaptação cinematográfica feita a partir de sua obra. E não é que ela estava certa? Embora suas tramas engenhosas tenham inspirado dezenas de filmes, pouca coisa interessante foi produzida. Seu romance mais visado pelo cinema, *O Caso dos Dez Negrinhos*, teve apenas uma grande versão: *O Vingador Invisível* (1945), suspense com toques de humor assinado pelo francês René Clair. O humor também é o ponto forte de uma série de quatro filmes estrelados nos anos 1960 por Margaret Rutherford, no qual ela encarnou Miss Marple, outra célebre e querida criação da autora, uma velhinha esperta e bisbilhoteira que desvendava todos os crimes. Outra produção digna de nota é *Testemunha de Acusação* (1957), baseada na peça homônima de grande sucesso. Além do elenco espetacular (Charles Laughton, Tyrone Power, Marlene Dietrich e Elsa Lanchester), a adaptação contou com roteiro e direção do mestre Billy Wilder.

Na TV, Agatha Christie mereceu tratamento classe A na série *Agatha Christie's Poirot* (1989-2013), sempre com o ótimo David Suchet no papel do detetive. O estranho sumiço da escritora por 11 dias em 1926, episódio real que nunca foi bem explicado, ganhou uma versão aberta, *O Mistério de Agatha* (1979), com Vanessa Redgrave e Dustin Hoffman. Em tempo: *Assassinato no Expresso do Oriente* teve uma versão medíocre feita para a TV em 2001, com Alfred Molina como Poirot.

FOX

ENTREVISTA

Acima de qualquer suspeita?

Vista recentemente no drama *Mãe*, MICHELLE PFEIFFER conta um pouco da experiência em trabalhar na superprodução de época

POR GABRIELA LABLUX

Como foi trabalhar com Kenneth Branagh?

MICHELLE PFEIFFER - Foi maravilhoso. Ele tinha bastante trabalho com um elenco com tantos atores. Eu não sei como consegue, se tem memória fotográfica ou coisa do gênero, mas Ken se lembra de praticamente tudo. Ao final de uma tomada, sempre me passava observações. E fazia isso com todo mundo, mesmo que a cena reunisse dez atores. Foi extraordinário vê-lo em ação.

Além de dirigir, Branagh também interpreta o protagonista, Hercule Poirot, o famoso detetive bigodudo. Como ele se saiu no papel?

Quando você vê Ken pela primeira vez como Poirot, leva um susto. Não dá para não reparar no bigode (risos). O mais incrível para mim é que Ken o torna irresistível. Ele torna Poirot charmoso e ao mesmo tempo diabólico.

E como foi a experiência em contracenar com um elenco tão formidável?

Para dizer a verdade, foi um pouco intimidador. No primeiro dia de filmagem, tive de gravar um "close up" e todos os atores estavam lá. Lembro-me de pensar "Eu vou passar vergonha na frente de Judi Dench (risos)!". Talvez não tenha me saído tão mal, mas você sabe como é difícil quando está no meio de tantos atores talentosos.

Como você descreveria sua personagem, a senhora Hubbard, viúva do assassinado?

Ela é muito divertida. Adora viajar, viu muito do mundo e desenvolveu grandes opiniões sobre tudo. Se você permitir, ela irá contar tudo sobre isso! É amigável, exageradamente de vez em quando. Ela também é muito questionadora e entusiasmada, talvez um pouco demais também. Talvez esteja um pouco solitária, mas é uma personagem incrível.

Você assistiu à versão de 1974, dirigida por Sidney Lumet e estrelada por Albert Finney e Lauren Bacall?

Não, não tinha visto. E Ken não queria que nenhum de nós víssemos nenhuma das versões anteriores, caso não tivéssemos assistido. E mesmo para quem já conhecia, ele pediu para não rever nenhuma delas, porque queria que todos nós abordássemos a história com novos olhos.

Você gosta desse clima nostálgico e do glamour dos trens?

Não viajei muito de trem, mas adoro trens. Eu sei que certamente adoraria viajar no Expresso do Oriente. Isso seria incrível. Eu acho que os trens têm uma espécie de romantismo. Também em um trem, você parece ter viajado no tempo. Não é como a vida real.■

Ressaca Friends 2017

NOVO LOCAL
ANHEMBI - CENTRO DE EVENTOS
Av. Olavo Fontoura, 1209
Santana - São Paulo / SP - Brasil

16 e 17 de dezembro

Cosplay
K-Pop
Dubladores
Atividades
Youtubers
Palestras
Salas Temáticas
Shows
Atrações Internacionais
Artist's Alley
E muito mais!

1º Lote de Ingressos ESGOTADO

Para mais informações, acesse:
WWW.RESSACAFRIENDS.COM.BR

UNIVERSAL

ENTREVISTA

Vida longa à Dama

JUDI DENCH completa 60 anos de carreira e volta a interpretar a monarca britânica em *Victoria e Abdul – O Confidente da Rainha*

POR SUZANA UCHOA ITIBERÊ ENTREVISTA: GABRIELA LABLUX

Dama do teatro, do cinema e do império britânico (foi condecorada em 1988), Judi Dench vai celebrar 83 anos de idade em 9 de dezembro. Em setembro, completou 60 anos da estreia profissional nos palcos, como a Ofélia de *Hamlet*, na montagem da Old Vic Company. Seus primeiros passos nas telas foram em séries de TV, mas Judi já começou por cima, como a personagem-título de *Hilda Lessways* (1959). A popularidade mundial, porém, conquistou bem mais tarde, em 1995, na pele de M, a chefe do Serviço Secreto de Inteligência britânico em *007 Contra Goldeneye*. M deu ordens ao James Bond de Pierce Brosnan em quatro filmes, mas foi na trinca em que comandou Daniel Craig que a relação com o agente ganhou densidade (em *007 Contra Spectre* ela faz uma aparição). A morte da personagem em *Skyfall* foi um espetáculo arrebatador conduzido com maestria por Sam Mendes.

A série blockbuster lhe deu fama, mas não os inúmeros prêmios que coleciona. A primeira das sete indicações ao Oscar foi pela interpretação da Rainha Victoria em *Sua Majestade, Mrs. Brown* (1997), sobre a polêmica amizade da monarca com seu cavalariço escocês John Brown. A rainha que lhe rendeu o único Oscar (de coadjuvante), porém, foi a Elizabeth I, a quem deu vida por oito minutos em *Shakespeare Apaixonado* (1998) – mas que oito minutos! Pois exatos 20 anos depois de *Mrs. Brown* a Dama Judi deve receber nova indicação à estatueta dourada ao voltar ao trono em *Victoria e Abdul - O Confidente da Rainha*. Curiosamente, a trama é sobre outra estreita relação dela que gerou celeuma na Corte.

Em 1887 foi celebrado o Jubileu de Ouro pelos 50 anos do reinado de Victoria. No banquete que reuniu 50 reis e príncipes, dois indianos trazidos especialmente da colônia inglesa presentearam-na com uma medalha comemorativa. O mais alto e belo deles, Abdul Karim (o astro de Bollywood Ali Fazal), de 24 anos, não só chamou a atenção da rainha como ganhou sua amizade e se tornou seu "munshi", ou professor, com quem ela estudou a cultura muçulmana e o idioma urdu. Quem resgatou essa história literalmente do lixo, pois os filhos de Victoria sepultaram a controversa relação junto com a mãe, foi a jornalista indiana Shrabani Basu. Durante uma visita turística a Orborne House, antigo palácio real na Ilha de Wight, ela estranhou a presença de tantos retratos do serviçal indiano nas paredes, ao lado de quadros de nobres. Suas descobertas foram narradas no livro agora adaptado por Stephen Frears, em nova parceria com Judi Dench – a mais recente foi em *Philomena* (2013). Na entrevista a seguir, a dama destila o humor britânico para falar sobre *Victoria e Abdul* e sua carreira.

WIKIMEDIA COMMONS

FOTOS UNIVERSAL

"Se você olhar para Ali (Fazal, que vive Abdul) não deve se incomodar ao tê-lo por perto. (risos) Ele fazia bem à ela"

Judi e Fazal como Victoria e Abdul: amizade perdurou por 13 anos, até a morte dela

O que pode contar sobre a Rainha Victoria na época em que conheceu Abdul Karim?

JUDI DENCH – Ela era viúva de Albert havia 26 anos e só suportou o luto por conta da amizade com seu criado John Brown. Só que quando Brown morreu, em 1883, Victoria ficou profundamente deprimida e debilitada. Deve ter sentido a falta de alguém com quem pudesse relaxar e falar livremente longe da formalidade da Corte. Abdul entrou na sua vida quatro anos depois.

Como interpretou a rainha em *Sua Majestade, Mrs. Brown*, Stephen Frears estava temeroso de que rejeitaria o papel para não repeti-lo. Qual foi sua primeira reação quando recebeu o convite?

Talvez eu recusasse reviver a personagem se não soubesse da relação que ela teve em seguida com Abdul. Mas acho que o filme é uma visão fascinante sobre o tipo de pessoa que ela era, seus desejos e necessidades.

Como descreveria a relação entre eles?

Suponho que seja de admiração e acredito que haja uma faceta espiritual nesse anseio dela por estudar o Corão e aprender a falar e escrever no idioma muçulmano, urdu. Ao mesmo tempo, Victoria aprecia a gentileza de Abdul. E se você olhar para Ali (Fazal, que o interpreta no filme), não deve se incomodar ao tê-lo por perto (risos). Ele fazia bem à ela de várias maneiras.

A era vitoriana é considerada um período muito conservador do Reino Unido, mas o filme subverte essa percepção ao mostrar a rainha como alguém de mente aberta.

Isso é verdade e revela esse lado muito humano e compassivo dela. Victoria não tinha um bom relacionamento com os filhos e encontrou naquele jovem alguém com quem pudesse se comunicar.

O que acha de Ali Fazal?

Sinto como se fosse um substituto de Johnny Depp – mais jovem (risos). Que coisa linda. É o menino mais lindo – muito gentil e inteligente. Ali tem um grande senso de humor, dá risadas deliciosas e é tão alto! Quem não ficaria caidinha por ele?

Como foram as filmagens em Osborne House, o palácio da Rainha Victoria na Ilha de Wight?

Fiquei encantada por poder trabalhar lá. Foi extraordinário poder usar sua escrivaninha – aquela escrivaninha! É "a" escrivaninha! Quando olhava pela janela, via aquelas árvores de 300 anos.... incrível.

O quanto ficou surpresa ao ler a história revelada em *Victoria e Abdul*?

Realmente muito surpresa e de certa forma feliz pela rainha. Imagine aquela senhora tendo de seguir um cronograma rigoroso diariamente – "Chá às 16h, outro compromisso às 16h30, às 16h45 tem mais...", não acaba nunca. Como era possível escapar daquela rotina massacrante? Com Abdul ela pode fugir de todo aquele cerimonial e ser ela mesma. Nem com os filhos sentia-se assim, então acredito que seu lado maternal tenha aflorado mais com ele.

Ela parece solitária e cansada no início do filme e é como se ele a trouxesse de volta à vida. Acha que a rainha viveu por mais tempo por causa dessa amizade?

Tenho certeza disso. Certamente a relação lhe deu 13 anos de sobrevida. Ficamos revigorados quando algo nos entusiasma e nos deixa interessados.

Já assistiu a *007 Contra Spectre*?

Ainda não! Tive apenas um dia de filmagem, porque era meu oitavo filme da série. Vai ser uma surpresa quando for ver!

Acha doloroso se ver em cena?

Muito, muito, é um sofrimento enorme. Bem, também é duro de aceitar que a gente está com aquele visual. Não seria incrível se eu parecesse uma mulher bem alta e esbelta de uns 40 anos (risos)? Fora que a gente fica se lamentando por tudo o que podia ter feito diferente. Não tem fim o martírio.

Mas o público te ama tanto...

Bem, eu não sei ... As críticas sempre chegam mais rápido.

Você fala sobre a frustração de não poder mudar suas atuações. Mas e nos oito filmes de James Bond, pôde aprimorar sua personagem no decorrer da série?

Sim, M se desenvolveu, espero, na forma como foi escrita e enfocada pelos diferentes roteiristas e diretores. Eu realmente não sabia nada sobre ela, simplesmente achei o roteiro de *007 Contra Goldeneye* espirituoso e divertido. E meu marido (o ator Michael Williams, morto em 2001) ficou enlouquecido, disse que eu tinha de fazer de qualquer maneira, para ele poder dizer que tinha uma Bond Girl em casa (risos). Isso sem falar que virei atração para os amigos dos meus netos. Eles vinham em casa e eu falava "Sim, sou eu, e se vocês não se comportarem mando prender!". Eles se divertiam demais. Fora que minha filha pôde conhecer Pierce Brosnan. Só a cara dela quando o viu já fez valer a pena.

Foi por escolha que interpretou tantos personagens difíceis?

Sim, foi uma escolha. E não é como no teatro, em que acontece de uma pessoa se aproximar de você e dizer "eu não achei aquela parte muito verdadeira" e na outra noite você tenta se aperfeiçoar no palco. No cinema, o diretor faz alguma ponderação e você refaz a cena, mas depois que está pronto, não há como melhorar mais nada. Eu assisti a *Victoria e Abdul* ontem à noite e já faria algumas alterações em minha atuação, mas é tarde demais. Então prefiro assistir a meus filmes bastante tempo depois, quando já não me lembro direito dos problemas.

De que maneira escolhe seus papéis?

Tem muito a ver com quem vou trabalhar e o quanto é diferente do filme anterior. O que foi glorioso em *Assassinato no Expresso do Oriente*, por exemplo, é que eu havia acabado de rodar *Victoria e Abdul*, então topei porque tinha muito pouco a fazer. Eu só precisava contracenar com Olivia Colman e dois cachorros mansinhos, e ainda usar muitas joias. Aí pensei "Ah sim, acho que dou conta" (risos). ■

TELINHA DVD • BLU-RAY • VOD

MERGULHO NOSTÁLGICO

Em sua segunda temporada, *STRANGER THINGS* mostra como seguir em frente após o sucesso da estreia

POR EDERLI FORTUNATO

A raiz do sucesso do terror está em manter o suspense e tornar crível o que não existe fora da tela, e que muitas vezes nem seria assustador se a luz estivesse acesa. A fórmula de *Stranger Things* inclui a soma de uma dose generosa de teoria da conspiração, roteiro repleto de referências e conexões com a memória do espectador, além de um elenco afiado, em especial os garotos Gaten Matarazzo (Dustin), Caleb McLaughlin (Lucas), Finn Wolfhard (Mike), Noah Schnapp (Will) e Millie Bobby Brown (Eleven/Onze). Uma mistura que deu certo e catapultou a primeira temporada ao topo do cenário cada vez mais competitivo da tela disputada pela TV e streaming.

A pergunta era para onde seguir passado o impacto da estreia e a solução do nó da primeira temporada. Claro que havia uma ponta solta, mas seria o suficiente para sustentar a história? E como fazer mais do mesmo, afinal *Stranger Things* é em seu cerne uma história de monstros, sem cair na mesmice e transformar o sucesso surpresa de 2016 num desastre melancólico em 2017? A resposta dos gêmeos Matt e Ross Duffer, criadores da série, foi fazer um upgrade.

O cenário não muda. Ainda estamos na pequena Hawkins, Indiana. A época ainda é os anos 80, o que convenientemente elimina a presença de tecnologias irritantes como celulares e internet, que inviabilizariam grande parte da história. A década também oferece uma enxurrada de referências que reconfortam o público louco por tempos mais simples, ou que assim parecem por terem se transformado em passado – a eleição de Reagan, presente no cenário, é quase engraçada comparada à atual situação política.

Não é difícil reconhecer a cena que homenageia *Conta Comigo*, uma história de amizade entre quatro garotos baseada num livro de Stephen King, ou as referências a *Os Goonies*, que ainda não havia estreado no ano em que *Stranger Things 2* acontece, mas sem dúvida teve peso na contrata-

Noah Schnapp, Finn Wolfhard, Gaten Matarazzo e Caleb McLaughlin: amizade a toda prova

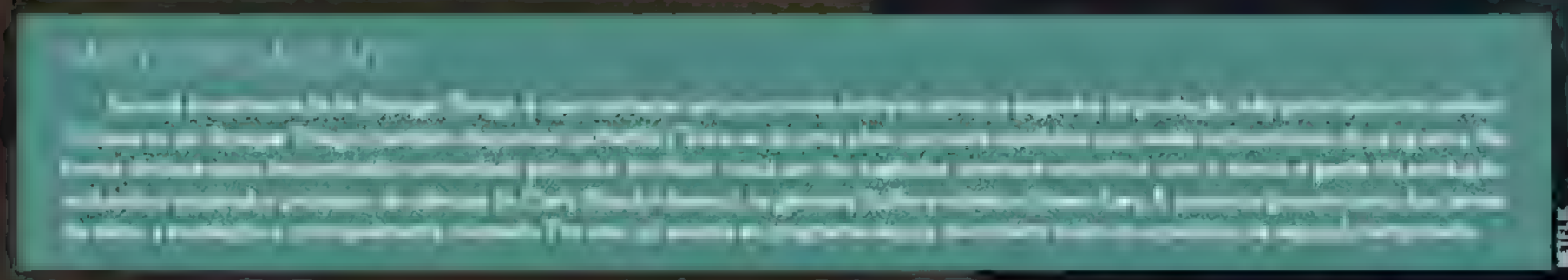
ção de Sean Astin para a segunda temporada. Uma cena inclui a fachada do cinema local, mostrando a estreia de *O Exterminador do Futuro*, enquanto o doce favorito de Will leva direto a *E.T. – O Extraterrestre*.

Mas o escopo da história cresceu, a começar pelo adversário, não apenas maior do que o oponente da primeira temporada, mas também mais inteligente e capaz, o que exige uma resposta à altura dos garotos e seus ajudantes. O elenco também ganhou acréscimos. Além de Sean Astin, entraram Sadie Sink (*O Castelo de Vidro*) como Max, uma garota que mexe com a dinâmica do grupo principal, e Dacre Montgomery (*Power Rangers*) como Billy, que toma o lugar de panaca residente antes ocupado por Steve (Joe Keery), um dos personagens que mais evoluíram na série.

A principal realização dos criadores, no entanto, foi abrir espaço para as consequências da primeira temporada, permitindo a evolução dos personagens a partir das experiências do primeiro ano. Como é essencial à aventura, os adultos seguem em larga parte ausentes, com os pais dos garotos alheios ao que acontece à sua volta. Os poucos admitidos à narrativa são aqueles capazes de ver o que os garotos veem, de mergulhar no enigmático Mundo Invertido que compõe o perigo na série. Sobreviventes, os integrantes desse grupo aliam-se ou alienam-se entre si em busca de respostas, consolo e apoio.

Dessas mudanças, todos saem ganhando, mesmo nos episódios mais irregulares, em especial Dustin (Matarazzo) e Eleven (Brown), que crescem ao assumir o protagonismo tão confortavelmente exercido por Mike (Wolfhard) na primeira temporada, culminando nas cenas finais que dão adeus à infância e olá à adolescência. Um dos ritos de passagem mais bacanas dos últimos tempos ■

ONDE VER: NETFLIX



NETFLIX

SÉRIE

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO

As novidades *THE MARVELOUS MRS. MAISEL* e *GODLESS* levam o espectador a uma verdadeira viagem no tempo

POR EDERLI FORTUNATO

Velhos tempos: Rachel Brosnahan solta a voz em *The Marvelous Mrs. Maisel*, enquanto Jeff Daniels cavalga em *Godless*

A onda retrô está em alta e duas novas séries mostram que o passado continua a fascinar o público. *The Marvelous Mrs. Maisel* (Amazon Prime, a partir do dia 29/11) é uma dramédia ambientada em 1958. Rachel Brosnahan *(House of Cards)* é Midge, uma dona de casa com um marido bem-sucedido, um casal de filhos e um apartamento no elegante Upper West Side em Nova York. Até o dia em que "a vida de propaganda de margarina" acaba quando o marido confessa ter um caso com a secretária e vai embora. Na esteira do desastre, Midge entorna a garrafa de vinho reservada para o Yom Kippur e termina a noite num clube de comédia no Greenwich Village, onde sua desgraça rende boas risadas.

Seria caso apenas para uma ressaca, ou várias, se não fosse o incentivo de Susie (Alex Borstein), veterana funcionária do clube que convence Midge de que ela tem um futuro como comediante – ironicamente, a carreira com a qual o marido de Midge tanto sonhava. Criada por Amy Sherman-Palladino, *Mrs. Maisel* tem diálogo rápido e foco na personagem feminina típicos da criadora de *Gilmore Girls*. Mas é o trabalho de Rachel Bronahan e a caracterização de Midge que tornam o pacote mais interessante. Feliz como uma menina de laçarote, Midge inicia a história dedicada a agradar o marido e capaz de absurdos que garantam que ele nunca a veja descabelada ou sem maquiagem. Sem esse foco, ao invés de tragédia, sua vida se transforma numa grande aventura. E como Midge terá de usar seus textos cômicos no palco, Amy Sherman-Palladino terá de economizar a dose de graça nos demais momentos, o que deve conter os excessos que pesavam em *Gilmore Girls*.

Ainda mais atrás no passado, *Godless* (Netflix, a partir do dia 22) é um faroeste ambientado em 1884 no Novo México. Escrita e dirigida por Scott Frank, também produtor executivo ao lado de Steven Soderbergh, conta uma clássica história de perseguição entre dois homens: Frank Griffin (Jeff Daniels, de *The Newsroom*) e seu ex-protegido, Roy Goode (Jack O'Connell, de *Skins*). O que a torna incomum, além do formato de minissérie, é La Belle, a cidade onde Goode se esconde. Vítima de um acidente que matou todos os homens do lugar, La Belle é comandada pelas mulheres, entre elas Alice Fletcher (Michelle Dockery, de *Downton Abbey*). Tem-se aqui uma retorcida no conceito de *Sete Homens e Um Destino*, por sua vez a versão faroeste de *Os Sete Samurais*, já que as moradoras de La Belle não vão contratar pistoleiros para defendê-las. Assim como Midge, Alice e as vizinhas tomam o destino nas próprias mãos. O cenário pode ser de época, mas a sensibilidade é para o público do século 21. ■

ONDE VER
THE MARVELOUS MR. MAISEL: AMAZON PRIME
GODLESS: NETFLIX

FOTOS NETFLIX

SÉRIE

CRIME E CASTIGO

Três séries disponíveis na Netflix merecem destaque não apenas pela qualidade, mas também por explorar um tema comum de maneiras completamente diferentes. A primeira é *Mindhunter*, que acompanha os primórdios do estudo de assassinos seriais pelo FBI no final dos anos 70. Produzido por Charlize Theron e David Fincher (que dirige os dois primeiros e os dois últimos episódios da primeira temporada), o programa conta com roteiros bem amarrados e um elenco de primeira – com tramas surpreendentes e capricho de produção. Já *O Justiceiro* é a mais nova parceria entre o canal streaming e a Marvel. Ao contrário do tradicional "herói com super-poderes" de *O Demolidor* ou *Punho de Ferro*, o personagem principal, Frank Castle (Jon Bernthal), é apenas um sujeito comum que resolve fazer justiça com as próprias mãos. Principalmente para criminosos e psicopatas soltos por aí. Violenta, a série acerta o alvo e se mostra bastante fiel ao original dos quadrinhos. Para completar, a atriz Jessica Biel estrela e produz *The Sinner*, que mostra uma moça pacata (a própria Jessica) que mata um jovem na praia sem nenhum motivo aparente. Um investigador (Bill Pullman) fica obcecado pelo caso e tenta desesperadamente descobrir a razão do crime. Com uma trama repleta de reviravoltas, *The Sinner* deixa o espectador confuso de início, mas gradativamente vai jogando luz no caso. Crimes e castigos vistos por ângulos bem diversos, mas de forma envolvente. ■

ONDE VER NETFLIX

Laços de família: relações de atrito

OS MEYEROWITZ: FAMÍLIA NÃO SE ESCOLHE (HISTÓRIAS NOVAS E SELECIONADAS)

THE MEYEROWITZ STORIES (NEW AND SELECTED), EUA, 2017. DE NOAH BAUMBACH. COM DUSTIN HOFFMAN, BEN STILLER, ADAM SANDLER, ELIZABETH MARVEL. 107 MIN. NETFLIX. COMÉDIA DRAMÁTICA.

Escultor menos reconhecido do que gostaria, Harold (Dustin Hoffman) externa suas frustrações no cotidiano. Estabelece relações de atrito com os filhos, Danny (Adam Sandler), Jean (Elizabeth Marvel) e Matthew (Ben Stiller), que também não atravessam períodos afetivos propriamente estáveis. Diretor de produções cultuadas como *A Lula e a Baleia* (2005) e *Frances Ha* (2012), e habitual parceiro nas concepções dos roteiros de Wes Anderson, Noah Baumbach radiografa esse núcleo familiar, em especial a partir do momento em que Harold é hospitalizado. Antigas questões vêm à tona (como a valorização de um filho em detrimento dos outros), mas o cineasta, responsável pelo roteiro, não adere aos clichês dos acertos de contas tradicionais. No que diz respeito à estrutura do filme, Baumbach separa um pouco as jornadas dos personagens principais e destaca cortes bruscos, evidenciados na montagem de Jennifer Lame. O tempero nova-iorquino, as diversas referências espalhadas ao longo da projeção e o investimento nos diálogos podem gerar comparações com a obra de Woody Allen. São ingredientes que suscitam simpatia em torno desse projeto exibido nos festivais de Cannes e do Rio, e concebido para a Netflix. No bom elenco há ainda as presenças de Emma Thompson, Candice Bergen e Rebecca Miller. *DANIEL SCHENKER* ★★★½

ONDE VER: NETFLIX

A BABÁ

THE BABYSITTER, EUA, 2017. DE MCG. COM JUDAH LEWIS, SAMARA WEAVING, ROBBIE AMELL, HANA MAE LEE, BELLA THORNE. 85MIN. NETFLIX. COMÉDIA/TERROR.

O diretor McG já fez ação (*As Panteras*) e ficção científica (*O Exterminador do Futuro: A Salvação*), mas ainda não tinha se arriscado no terror. Em *A Babá*, Cole (Judah Lewis) é o tímido adolescente do colégio que nutre uma paixão por sua babá, Bee (Samara Weaving). Tudo muda quando ele decide passar a noite acordado e descobre que a jovem lidera um culto satânico com os amigos. A *Babá* pega carona nos filmes trash dos anos 80, com atuações forçadas regadas a humor ácido e muito sangue. Ainda conta com divertidas referências a sucessos como *Alien*, *Star Trek* e *E.T.*. Nada demais, mas diverte. *M.A.* ★★★

ONDE VER: NETFLIX

CARROS 3

CARS 3, EUA, 2017. DE BRIAN FEE. COM AS VOZES ORIGINAIS DE OWEN WILSON, CRISTELA ALONZO, CHRIS COOPER, LARRY THE CABLE GUY. 102 MIN. DISNEY. ANIMAÇÃO.

A Disney tem se preocupado com a audiência global, personalizando as animações para diferentes públicos. Por isso é curioso que o terceiro filme da franquia seja tão americano. São universais os desafios enfrentados por Relâmpago McQueen após sofrer um grave acidente nas pistas: a dificuldade de envelhecer e de se reinventar na vida profissional. Mas essa pegada existencial acaba em segundo plano em uma trama que privilegia situações típicas da cultura americana. Com isso em mente, não exija demais, curta e se deixe levar novamente pelo universo arquitetado no original (esqueça o sofrível segundo). *RENATA PRIMAVERA*

★★★

ONDE VER: DVD, BLU-RAY, BLU-RAY 3D, LOOKE

OURO

GOLD, EUA, 2016. DE STEPHEN GAGHAN. COM MATTHEW MCCONAUGHEY, ÉDGAR RAMÍREZ, BRYCE DALLAS HOWARD, COREY STOLL, TOBY KEBBELL. 120 MIN. NETFLIX. DRAMA.

Ignorado nos cinemas, está na hora de o filme *Ouro* ganhar a atenção que merece no streaming. Com a mesma "vibe" de *O Lobo de Wall Street*, o drama dirigido por Stephen Gaghan (*Syriana – A Indústria do Petróleo*) é cativante. Gaghan pode não ser Martin Scorsese, mas acerta a mão ao contar a história de Kenny Wells (Matthew McConaughey), um executivo do ramo do garimpo que, após a morte do pai, vai se aventurar na Indonésia para encontrar ouro ao lado do geólogo Michael Acosta (Édgar Ramírez). McConaughey dá um show construindo um personagem ao mesmo tempo irritante e carismático. *RICARDO MATSUMOTO*

★★★★

ONDE VER: NETFLIX

TRANSFORMERS: O ÚLTIMO CAVALEIRO

TRANSFORMERS: THE LAST KNIGHT, EUA, 2017. DE MICHAEL BAY. COM MARK WAHLBERG, JOSH DUHAMEL, LAURA HADDOCK, ANTHONY HOPKINS. 149 MIN. PARAMOUNT. AVENTURA.

Autobots enfrentam os Decepticons para salvar a Terra e importantes segredos da humanidade serão fundamentais para definir o seu destino. O problema será não poder contar com o poderoso Optimus Prime. O roteiro viaja no tempo e promove um verdadeiro "milk shake" histórico, passando por uma cultuada lenda e partindo para o espaço. Diretor de dezenas de comerciais e clipes de famosos, Bay tem um estilo que coleciona detratores, mas agrada quem busca muita explosão e pouca reflexão. Ainda assim, não será estranho se até mesmo um fã considerar cansativo o ritmo frenético de informações, referências, personagens soltos e massacre sonoro em quase duas horas e meia de projeção. *ROBERTO CUNHA* ★★★

ONDE VER: BLU-RAY, BLU-RAY 3D, DVD

EM RITMO DE FUGA

BABY DRIVER, EUA/ REINO UNIDO, 2017. DE EDGAR WRIGHT. COM ANSEL EGORT, KEVIN SPACEY, JAMIE FOXX, JON HAMM. 112 MIN. SONY. AÇÃO.

Baby sofreu um trauma na infância e para ele o melhor remédio é ouvir música. Sua incrível habilidade para roubar e dirigir carros o transformou em um singular piloto de fuga de assaltos rápidos. Com cenas de ação de tirar o fôlego coreografadas em total sintonia com a trilha sonora, misturando clássicos e versões modernas, o cineasta britânico Edgar Wright apresenta um filme bem-humorado e bastante tenso. Os viciados em games "asfálticos" verão traços de *GTA* e do clássico *Driver* (do PSOne). Quem lembrar do cultuado filme *Drive* (2011), vale ressaltar que a violência deste aqui tem outra octanagem, aditivada com sarcasmo, gotículas de romance e um ritmo alucinante. *R.C.* ★★★★★

ONDE VER: NOW, VIVO PLAY, GOOGLE PLAY, ITUNES, DVD, BLU-RAY

SÉRIE

GRACE AND FRANKIE – PRIMEIRA TEMPORADA

EUA/REINO UNIDO, 2016. CRIADA POR MARTA KAUFFMAN E HOWARD J. MORRIS. COM JANE FONDA, LILY TOMLIN, SAM WATERSON, MARTIN SHEEN, BROOKLYN DECKER. SONY. COMÉDIA.

Se as atrizes reclamam da falta de papéis interessantes quando envelhecem, *Grace and Frankie* veio para responder suas preces. Comédia inteligentíssima, foca na relação entre as mulheres do título, de personalidades totalmente opostas e que devem aprender a conviver depois que são largadas pelos maridos – companheiros de trabalho que se assumem parceiros românticos. É um tour de force de Jane Fonda e Lily Tomlin, mais afiadas do que nunca na tarefa de retratar a nova terceira idade nas telas. O elenco de apoio, com Martin Sheen e Sam Waterson e os filhos dos ex-casais, ajuda a dar o tom certo à série. *R.P.R.* ★★★★½

ONDE VER: DVD

MONSIEUR E MADAME ADELMAN

MR & MME ADELMAN, BÉLGICA/FRANÇA. DORIA TILLIER, DENIS PODALYDÈS, MA...

No funeral do grande e premiado escritor francês Victor Adelman (Nicolas Bedos), enquanto os convidados ... aguarda por um desfecho insuspeitado –, a viúva Sarah ... encontro deles, em 1971. O que se segue é uma narrativa clássica, ágil, dividida em capítulos, para ser fiel à ambientação literária do filme, sobre um romance nada convencional ou mesmo romântico, que desafia os cânones das histórias de amor.

É a estreia na direção do ator e roteirista Bedos, que coassina o roteiro com a esposa e também protagonista Doria Tillier. E que parceria surpreendentemente madura é essa. Construído a partir de dois protagonistas sedutores e marcantes, dignos do trabalho irrepreensível de Bedos e Doria Tillier, e personagens coadjuvantes memoráveis (o psicanalista de ... ajudam a compor a curiosa e crítica reconstituição de ... roteiro inteligente que disseca os possíveis encontros e desencontros de um casal com humor corrosivo, por vezes sarcástico ou mordaz. Mordaz até demais. *FATIMA ...* ★★★

ONDE VER: NOW, VIVO PLAY, GOOGLE PLAY, ITUNES

SÉRIE

THE CROWN – PRIMEIRA TEMPORADA

EUA/REINO UNIDO, 2016. CRIADA POR PETER MORGAN. COM CLAIRE FOY, MATT SMITH, JOHN LITHGOW, VICTORIA HAMILTON, VANESSA KIRBY, NICHOLAS ROWE, PIP TORRENS. SONY. DRAMA.

A realeza britânica sempre foi assunto ideal para dramas históricos. E a vida da atual soberana estava demorando a virar um deles. A produção da Netflix dramatiza a vida de Elizabeth II com elegância e requinte. O elenco afiado, de Claire Foy no papel principal a John Lithgow inspirado como Churchill, faz de cada cena um momento hipnotizante. Quem não quer saber como a soberana lidou com a tarefa de se tornar rainha do dia para a noite? Ou como é a intimidade dela com seu marido, o príncipe sem papas na língua Philip? Resta a dúvida se vai segurar o ritmo perfeitamente equilibrado nas próximas temporadas. *R.P.R.* ★★★★★

ONDE VER DVD

O ESTRANHO QUE NÓS AMAMOS

THE BEGUILED, EUA, 2017. DE SOFIA COPPOLA. COM NICOLE KIDMAN, COLIN FARRELL, KIRSTEN DUNST, ELLE FANNING. 93 MIN. UNIVERSAL. DRAMA.

Em 1971, Don Siegel dirigiu *O Estranho que Nós Amamos*, com Clint Eastwood, tendo como pano de fundo a Guerra de Secessão. Agora, 46 anos depois, Sofia Coppola lança sua versão baseada no livro homônimo de Thomas Cullinan e também no roteiro de Albert Maltz, do longa original. Na trama, mulheres abrigadas em um internato encontram um soldado inimigo machucado e lhe dão abrigo. A presença masculina na casa gera uma forte tensão sexual que deflagra a rivalidade entre elas. Vencedora da palma de melhor direção em Cannes, Sofia destaca suas protagonistas e estampa seu estilo minimalista com atuações sensíveis. *VITOR BURGO* ★★★½

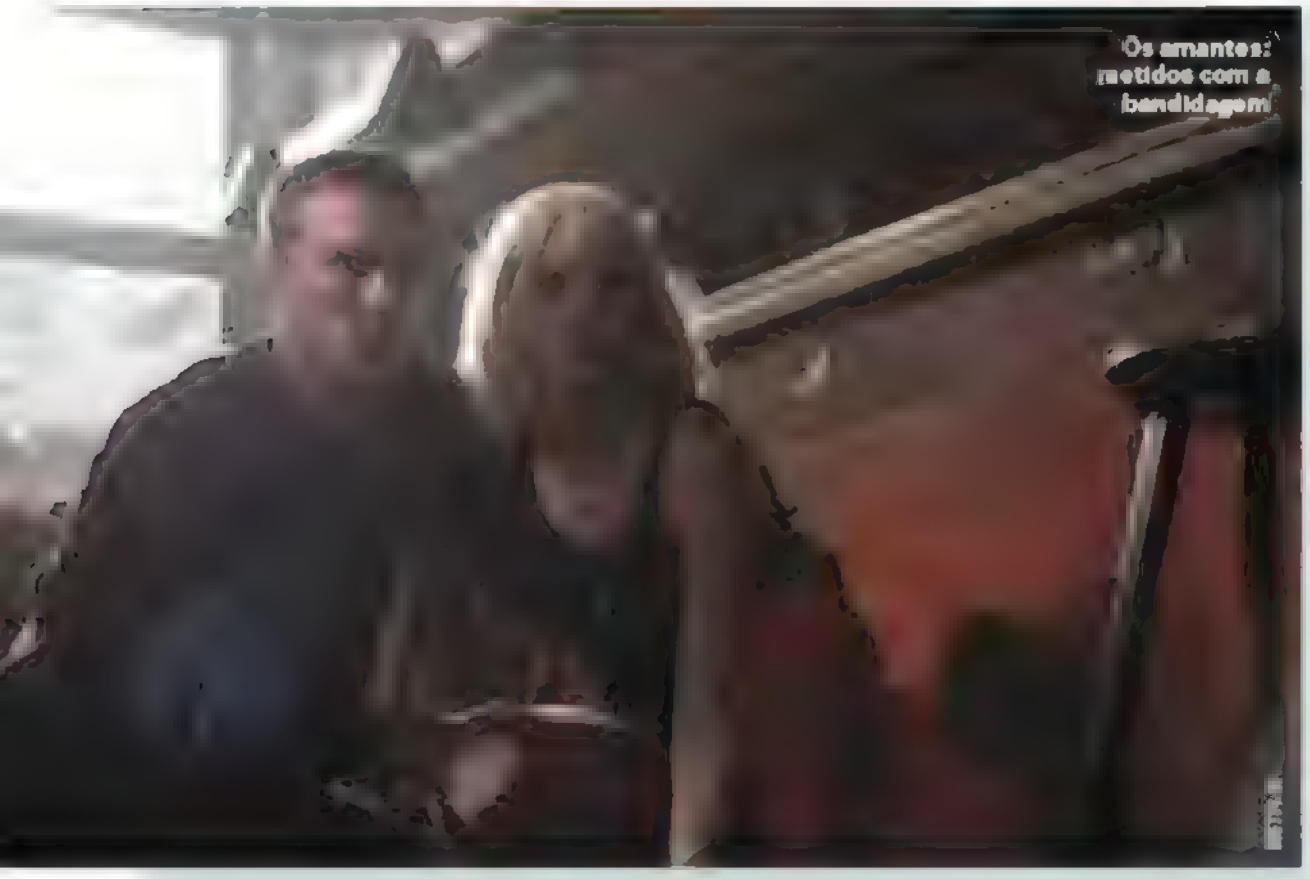
ONDE VER DVD, LOOKE

A TERRA VERMELHA

LA TIERRA ROJA, BÉLGICA/ARGENTINA/BRASIL, 2015. DE DIEGO MARTÍNEZ VIGNATTI. COM GEERT VAN RAMPELBERG, EUGENIA RAMÍREZ, JORGE ARANDA. 105 MIN. 8MOVISION. DRAMA.

O belga Pierre trabalha em uma multinacional na selva de Misiones, na Argentina, como líder de uma equipe de plantio de árvores para indústria de papel. O processo inclui desmatamento e agrotóxicos, cujos agentes químicos afetam a saúde da população local. É nesse ponto que entra Ana, a professorinha da escola e militante contra o desmatamento, com quem Pierre tem um romance. A relação será posta à prova na medida em que os protestos contra o uso de aditivos tomam vulto. A narrativa não vai muito além do desenrolar dessa dualidade, mas a coisa esquenta quando ocorrem mortes a mando dos donos da empresa. *SUZANA UCHOA ITIBERÊ* ★★

ONDE VER NOW, VIVO PLAY, GOOGLE PLAY, ITUNES



Os amantes: metidos com a bandidagem

BUSCA SEM LIMITES

COLUDE, REINO UNIDO/ALEMANHA/CHINA, 2017. DE ERAN CREEVY. COM NICHOLAS HOULT, FELICITY JONES, BEN KINGSLEY, ANTHONY HOPKINS. 99 MIN. AÇÃO.

Começa com uma espetacular perseguição de carros em uma estrada, que culmina em uma capotagem. De cabeça para baixo está o protagonista e narrador, Casey (Nicholas Hoult), e tudo o que ele faz naquela situação é falar de amor. Ação e romance são os ingredientes desse filme convencional, é verdade, mas valorizado por um elenco estelar. Casey é americano, mas vive em Colônia, na Alemanha, onde vende drogas em baladas. Seu fornecedor é Geran (Ben Kingsley), um traficante excêntrico, mulherengo e desmiolado. Geran, por sua vez, trabalha (a contragosto) para Hagen Kahl (Anthony Hopkins), respeitado dono de uma transportadora que usa a firma de fachada para o narcotráfico. E entre eles há Juliette (Felicity Jones), a garçonete por quem Casey se apaixona e pela qual abandona a vida de crime. Bem, até ela ter um problema de saúde. Como uma coisa leva a outra, o bom rapaz decide aceitar um último trabalho para pagar a cirurgia da amada. Obviamente nem tudo sai como planejado. Cada um tem sua própria agenda – o que inclui golpe e traição – e o resultado é um eletrizante jogo de gato e rato com inúmeras sequências de perseguição com carros envenenados, tiroteios e, claro, paradinhas para o romance. É esquecível? Sim, mas muito bom enquanto dura. *SUL* ★★★

ONDE VER NETFLIX

UNA

REINO UNIDO/CANADÁ/EUA, 2016. DE BENEDICT ANDREWS. COM ROONEY MARA, BEN MENDELSOHN, RIZ AHMED. 94 MIN. MARES. DRAMA.

Há duas visões possíveis para o evento crucial de *Una* e essa bipolaridade é o que o torna instigante. Baseado na peça *Blackbird*, o filme mostra o embate entre Una (Rooney Mara) e Ray (Ben Mendelsohn), o homem com quem teve um romance na adolescência – ou o pedófilo que roubou sua inocência. Você decide. Passados 15 anos, ela descobre seu paradeiro e aparece sem aviso no trabalho dele. Una quer conversar, em uma tentativa desesperada de entender o passado. É um confronto duro, emotivo de ambas as partes, que, sim, se confunde com uma história de amor proibido, mas há muito mais em questão. *S.U.I.* ★★★

ONDE VER: DVD

O CASTELO DE VIDRO

THE GLASS CASTLE, EUA, 2017. DE DESTIN DANIEL CRETTON. COM BRIE LARSON, WOODY HARRELSON, NAOMI WATTS, ELLA ANDERSON. 127 MIN. PARIS. DRAMA.

A família formada por Woody Harrelson, Naomi Watts e os quatro filhos vaga Estados Unidos afora a bordo de um carro decrépito. E o motivo não é a sede por aventura, mas pobreza e desleixo. O pai é um alcoólatra desempregado e a mãe, uma artista irresponsável. Quem narra a história é Jeannette Walls (Brie Larson), uma das filhas e também autora da obra autobiográfica em que a produção se baseia. Executiva e noiva de um escovinha de Nova York, ela abandonou os pais, mas o contato ainda existe. O enredo vai e vem no tempo para desvendar o rompimento. Falta sutileza e ritmo. Sorte que o elenco é de feras. *S.U.I.* ★★★

ONDE VER: DVD

O MUNDO FORA DO LUGAR

DIE ABHANDENE WELT, ALEMANHA, 2015. DE MARGARETHE VON TROTTA. COM BARBARA SUKOWA, KATJA RIEMANN, MATHIAS HABICH. 101 MIN. MARES. DRAMA.

A história é baseada na vida da diretora e roteirista alemã Margarethe von Trotta, que descobriu já adulta que tinha uma irmã mais velha. No filme, o viúvo Paul (Mathias Habich) se depara na internet com uma fotografia da diva da ópera americana Caterina (Barbara Sukowa), que é idêntica à sua esposa. Sua inquietação faz com que a filha Sophie (Katja Riemann) vá a Nova York procurá-la. Detalhe: Sophie também é cantora, mas de jazz. A nova parceria da diretora com Barbara não se compara a *Hannah Arendt – Ideias que Chocaram o Mundo*, mas os laços que se formam nessa revolução familiar rendem cenas emocionantes. *S.U.I.* ★★★

ONDE VER: DVD

COMO SE TORNAR UM CONQUISTADOR

HOW TO BE A LATIN LOVER, EUA, 2017. DE KEN MARINO. COM EUGENIO DERBEZ, SALMA HAYEK, RAPHAEL ALEJANDRO, ROB LOWE, KRISTEN BELL. 115 MIN. PARIS. COMÉDIA.

Maximo (Eugenio Derbez) ficou casado por 25 anos com uma milionária muito mais velha do que ele. O encostado levava uma vida de sonho e muito luxo, até a esposa arranjar um amante e deixá-lo na rua da amargura. Ele busca refúgio na casa da irmã (Salma Hayek), enquanto não fisga outra ricaça. Com o tema da ascensão social repentina, o filme ganha ares do nacional *Até que a Sorte nos Separe*. A trama até tem seus momentos, mas não iria muito longe sem a relação do anti-herói com o sobrinho, um adolescente que se torna um improvável pupilo do tio na arte da conquista. *EDU FERNANDES*

★★½

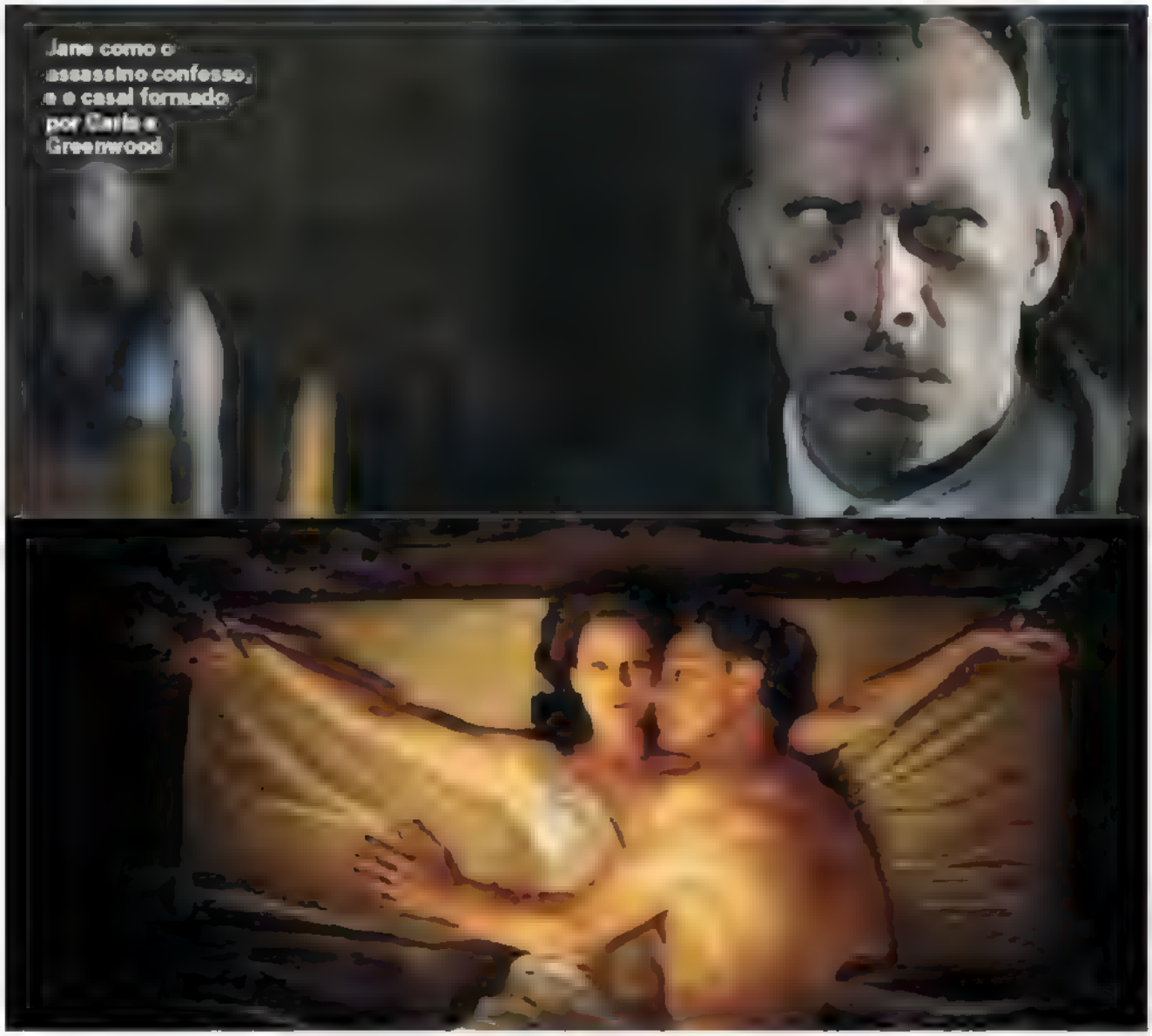
ONDE VER: DVD, LOOKE

Repetir fórmulas que deram certo é motivo de sobra para criticar o cinema americano. Por outro lado, seja você um crítico ferrenho de indústria ou não, é inegável que (ai algumas repetições podem dar certo. Aqui, o formato é aquele muito usado em filmes policiais de parceiros cheios de contrastes. Michael (Ryan Reynolds) é um guarda-costas famoso, mas bastou uma falha para a bem-sucedida carreira ir por água abaixo. Na pior, ele topa levar em 24 horas uma testemunha de crimes de guerra para depor mas acontece que esse cara, Darius (Samuel L. Jackson), é também um baita assassino de aluguel com quem ele teve problemas no passado.

O roteiro pode não primar pela novidade, mas a ideia de colocar a lei e o fora da lei no mesmo time sustenta bem essa trama escorada no humor e em atores com talento para o deboche. Primeiro trabalho eles juntos, a dupla esbanja a tão falada boa quími com diálogos inspirados e Jackson pare se divertir mesmo com um personagem que solta o verbo e cospe palavrões por minuto. Com cenas de ação interessantes e boa trilha sonora, o diretor Patrick Hughes pode até ser malfeita incomoda mais do que algo conhecido bem utilizado, como acontece n o tempo

STEPHEN KING EM ALTA

Mais duas adaptações de livros do escritor são produzidas pela Netflix: *1922* e *Jogo Perigoso*



IMAGENS NETFLIX

1922

★★★½

EUA, 2017. DE ZAK HILDITCH. COM THOMAS JANE, MOLLY PARKER, DYLAN SCHMID, NEAL MCDONOUGH. 102 MIN. NETFLIX. THRILLER.

JOGO PERIGOSO

★★½

GERALD'S GAME. EUA, 2017. DE . COM CARLA GUGINO, BRUCE GREENWOOD, CAREL STRUYCKEN. 103 MIN. NETFLIX. THRILLER.

Aos 70 anos, Stephen King está em pleno revival. Acaba de lançar um novo livro, *Belas Adormecidas*, e teve nada menos que seis obras adaptadas neste ano – *It: A Coisa* e *A Torre Negra*, as séries *O Nevoeiro* e *Mr. Mercedes*, e agora as produções da Netflix, *1922* e *Jogo Perigoso*. Apesar de *It: A Coisa* ter feito mais de US$ 660 milhões na bilheteria mundial, Stephen King disse que *1992* é sua melhor adaptação de 2017. Na trama, Thomas Jane vive um fazendeiro que mata a esposa – e isso não é spoiler. Enquanto escreve sua carta de confissão em um quartinho de hotel, imagens de flashback mostram como uma pendência envolvendo venda de terra gera o conflito que provoca o crime. O filho dele também faz parte da tramoia e impressiona como a mãe e esposa é retratada como descartável. Mas só em vida, porque seu espírito vingativo entra em ação e aí o mestre do terror deixa a sua marca. Desculpe, senhor King, *1992* não é melhor que *It*.

Já o *Jogo Perigoso* coloca Carla Gugino encrencada em uma cabana isolada. A personagem topa embarcar na fantasia sexual do marido (Bruce Greenwood), que a algema na cama, mas sofre um ataque cardíaco e morre. Diretor de *O Sono da Morte* e *Ouija: Origem do Mal*, Mike Flanagan domina o gênero e aqui aposta no terror psicológico. É pena que o suspense desande na etapa final.

S.U.I. e E.M.A.

ONDE VER: NETFLIX

OUTROS LANÇAMENTOS

Bruce Willis enfrenta Jason Momoa em ***LOUCOS E PERIGOSOS***, comédia de ação em que o primeiro é um detetive que vai resgatar seu cachorro sequestrado pela gangue do segundo. A condição para a devolução: descobrir onde foi parar uma mala cheia de cocaína.

Com Lima Duarte, ***DESERTO*** é sobre um grupo de artistas circenses que viaja pelo sertão. Cansados da vida errante, eles se instalam em um vilarejo abandonado e aí assumem papéis diferentes daqueles que exerceram por toda a vida.

ONDE VER: NOW, VIVO PLAY, CLARO

Premiado filme de Laís Bodanzky, ***COMO NOSSOS PAIS*** tem Maria Ribeiro e Clarice Abujamra em grandes atuações como mãe e filha. A revelação de um segredo envolvendo o pai da protagonista dispara a trama, que examina com delicadeza os laços de família.

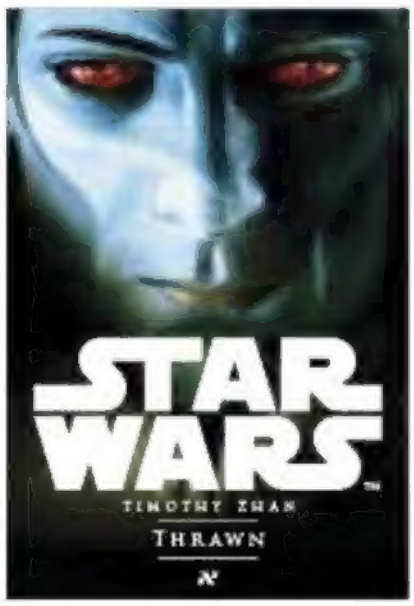
ONDE VER: LOOKE

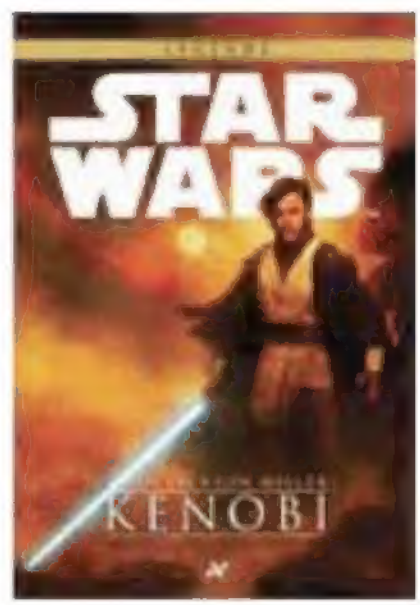
Dirigida e estrelada por Philippe Lacheau, a comédia francesa ***ALIBI.COM*** é sobre o dono de uma empresa especializada em criar álibis para encobrir os maus passos dos clientes. Mas o surgimento de uma loira bonita que odeia homens mentirosos vai complicar a vida do espertalhão.

UNIVERSO EXPANDIDO

Livros voltados para os fãs de *Star Wars* exploram a fundo as muitas ramificações literárias da saga

POR MICHELE ALVES





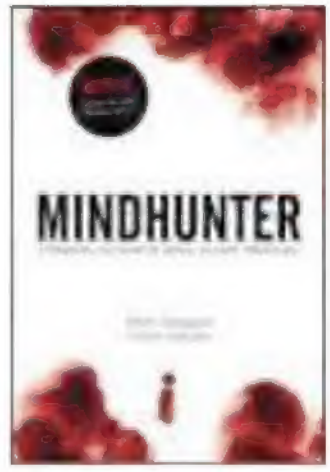
A contagem regressiva para a estreia do mais novo capítulo da saga *Star Wars* já começou, e nada melhor do que se preparar e conferir uma série de livros que explora o universo criado por George Lucas. A editora Aleph, por exemplo, oferece um acervo vasto. O mais novo título é *Star Wars: Thrawn* (preço sugerido: **R$ 49,90**), escrito por Timothy Zahn e traduzido pelo nosso colaborador André Gordirro. A obra mostra a origem de um dos personagens mais importantes do Império Galáctico, o grão-almirante Thrawn. Outra boa opção é *Darth Plagueis* **(R$ 44,90)**, de James Luceno – o mesmo de *Tarkin*, também lançado pela editora –, que aborda o personagem homônimo, mestre do temido Darth Sidious, que cobiça a habilidade de controlar a vida e a morte. Também merecem destaque *Battlefront: Companhia do Crepúsculo* **(R$ 49,90)**, que acompanha os acontecimentos após a derrocada da primeira Estrela da Morte, e *Kenobi* **(R$ 49,90)**, que conta as aventuras do mestre Jedi Obi-Wan Kenobi na época em que viveu no deserto de Tatooine.

VERSÃO PARA CRIANÇAS

Somos Todos Extraordinários é daqueles livros que arrancam lágrimas do leitor. A obra original, *Extraordinário*, foi publicada pela primeira vez em 2013, e agora ganha uma versão delicadamente dedicada às crianças. A história é contada pelo ponto de vista do menino Auggie Pullman, que tem 10 anos e sofre de uma deformidade facial. Seu desafio maior agora será enfrentar a escola pela primeira vez. Escrito e ilustrado pela própria autora, R.J. Palacio, o livro tem os mesmos aspectos do original, que explora a imaginação de Auggie. A adaptação para o cinema de *Extraordinário* tem estreia prevista para 7 de dezembro no Brasil. Julia Roberts e Owen Wilson interpretam os pais de Auggie, enquanto Jacob Tremblay *(O Quarto de Jack)* dá vida ao protagonista. M.A.

PREÇO SUGERIDO: **29,90**
E-BOOK: **19,90**

MENTES PERIGOSAS



Lançado originalmente em 1995, *Mindhunter* (Instrínseca) segue a trajetória do agente especial do FBI John Douglas, que ficou conhecido como caçador de serial killers. Escrito por Mark Oshaker em parceria com Douglas, o livro começa em ritmo lento, com um histórico do protagonista e o início de sua vida profissional. Mas à medida em que crimes perversos são cometidos, as investigações se encarregam de movimentar a trama. Entres os casos mais famosos narrados pelo agente estão o de Wayne Williams, um assassino de crianças de Atlanta, e de Charles Manson, que comandou a chacina que matou a esposa grávida do cineasta Roman Polanski na década de 60. *Mindhunter* acaba de ser adaptada como série pela Netflix e só tem recebido elogios. M.A.

PREÇO SUGERIDO: **R$ 39,90**
E-BOOK: **R$ 24,90**

CANTO DO LEITOR

VINGADORES BRASIL
Olá Revista PREVIEW, faço parte de um canal de comunicação nas redes sociais, o "Vingadores Brasil", e vim, primeiramente, parabenizar pelo ótimo trabalho que é feito pelas críticas e os pôsteres encartados na revista. Queria agradecer, pois neste mês a edição de outubro veio linda, colorida e muuuuuito Nerd! Alguns fãs do Universo Marvel entraram em contato comigo nas redes sociais, principalmente pelo Facebook, para saber um pouco mais sobre as edições quando o assunto é Marvel Studios. Grande parte do cenário do nosso canal é formado pelos pôsteres que vocês lançam em certas edições. Mais uma vez, muito obrigado por este feito. Sou um grande fã de vocês.
Ygor Santos, no Facebook

Muito obrigado Ygor, sempre procuramos dar destaque para os filmes de super-heróis da Marvel, e no próximo ano teremos muitas produções do gênero para cobrir. Nós é que agradecemos pela atenção e os elogios.

PÔSTER RUIM!
A quantidade de páginas diminuindo a cada dia me incomoda profundamente. Não uso esses pôsteres, seria mais interessante fazer uma edição especial com o pôster e aumentar a quantidade de páginas na revista com conteúdo exclusivo e relevante.
Thiago Martins, no Facebook

Caro Thiago, a diminuição de páginas foi necessária para conter os constantes aumentos nos custos de impressão. O pôster é um brinde que acaba atraindo a atenção de pessoas que normalmente não compravam a revista. Se o mercado melhorar, pode ter certeza de que aumentaremos o número de páginas.

PÔSTER BOM!
A revista está de parabéns! É a melhor publicação do gênero e ainda mais agora com os pôsteres! Gostaria que tivesse uma seção que falasse sobre os extras e capa/artes dos lançamentos em Blu-ray e DVD.
Rafael Bonatto Biscaro, no Facebook

Caro Rafael, obrigado pela sugestão, é uma boa ideia.

NOVO LEITOR
Essa é a segunda edição da PREVIEW que eu compro online e estou gostando muito do conteúdo, principalmente porque alguns filmes que estão em cartaz e são comentados eu não conhecia. Em breve vou virar assinante. Moro no interior de Pernambuco. Por aqui só online mesmo.
Eduardo Kadu, no Facebook

EDIÇÕES ANTERIORES

Ed. 97

Ed. 96

Ed. 95

Ed. 94

Ed. 93

Ed. 92

PREVIEW

EDIÇÃO 98 - ANO 8 - NOVEMBRO DE 2017

3+1 EDITORAÇÃO LTDA

REDAÇÃO
DIRETOR DE REDAÇÃO
RICARDO MATSUMOTO
(ricardo@previewbr.com)
EDITORA-CHEFE
SUZANA UCHÔA ITIBERÊ
(suzana@previewbr.com)
EDITOR DE ARTE
KEN TANAKA (colaborador)

COLABORADORES
ANDRÉ GORDIRRO, DANIEL SCHENKER, EDERLI FORTUNATO, EDU FERNANDES, FÁTIMA GIGLIOTTI, GABRIELA LABLUX, LARISSA MARUYAMA, MARIANE MORISAWA, RENATA PRIMAVERA, ROBERTO CUNHA, ROBERTO PUJOL, VITOR BÜRIGO (texto); PAULA CLETO (Revisão); MICHELE ALVES (atendimento ao leitor)

GERENTE DE MARKETING E COMERCIAL
CLARISSA KUSCHNIR
(clarissa@previewbr.com)

COORDENADOR DE PRODUTO
FRANCO DE ROSA

PRE-PRESS
DANIEL DE ROSA

NOVA SAMPA DIRETRIZ EDITORA LTDA
RUA DAS CAMÉLIAS, 198
MIRANDÓPOLIS - SÃO PAULO - SP
CEP 04048-060 - TEL. (11) 5589-7197
IMPRESSÃO
LOG & PRINT – GRÁFICA E LOGÍSTICA
DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL
DINAP S.A. – DISTRIBUIDORA NACIONAL DE PUBLICAÇÕES

A REVISTA PREVIEW é produzida por
3+1 EDITORAÇÃO LTDA
em parceria com
NOVA SAMPA DIRETRIZ EDITORA LTDA.

FALE CONOSCO

- cartas@previewbr.com
- (11) 3275-1464
- Rua da Glória, 279 - 5o andar - Liberdade - CEP 01510-001 - São Paulo - SP

ASSINATURAS/EDIÇÕES ANTERIORES

- quero@previewbr.com
- (11) 3275-1464
- lojapreview.com.br

VISITE NOSSO SITE

- http://revistapreview.com.br
- www.facebook.com/revistapreview
- http://twitter.com/revistapreview

PERGUNTALÁ

Ipiranga. Um lugar completo e também digital.

Aqui, você tem a mobilidade do app Abastece Aí, que dá desconto no combustível, e a praticidade de uma linha completa de serviços, como o Km de Vantagens, lojas am/pm, Jet Oil, ConectCar, Cartão Ipiranga, a mais completa linha de lubrificantes, Rodo Rede, Posto Ipiranga na Web, Postos Ecoeficientes, recarga de celular e muito mais. Então, já sabe, online ou offline, pergunte lá no Posto Ipiranga.

Ipiranga

MARK WAHLBERG

WILL FERRELL

JOHN LITHGOW

MEL GIBSON

PAI EM DOSE DUPLA 2

MAIS PAIS. MAIS PROBLEMAS.

NOVEMBRO NOS CINEMAS